

A LIAHONA



A LIAHONA



NA CAPA
A Cominho de Belém,
de Joseph Brickey



CAPA DE O AMIGO
Ilustrado por Thomas S. Child

VER PÁGINA 2



SUMÁRIO

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A MARAVILHOSA E VERDADEIRA HISTÓRIA DO NATAL PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY
- 7 MAIS DO QUE LUZES E CORES BRILHANTES PATRICIA CH. MERLOS
- 10 O PAPEL DE CRISTO COMO REDENTOR RICHARD D. DRAPER
- 18 VOCÊ PODE FAZER A DIFERENÇA: "UM DESTES MEUS PEQUENINOS IRMÃOS" ROGER TERRY
- 28 NATAL NO ERZGEBIRGE HERTA KLIMMER
- 33 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: FILHOS: PRESENTES DE DEUS
- 34 UMA VISÃO MUNDIAL DO LIVRO DE MÓRMON
- 40 A IMPORTÂNCIA DO ACERTO ANUAL DO DÍZIMO KENNETH L. DUVALL
- 42 VOZES DA IGREJA: UMA ÉPOCA DE COMEMORAÇÃO
MEU ÚLTIMO NATAL NA MISSÃO JULIO CESAR SONODA
"PARA O TEU BEM" EVELYN CARDINEZ E AURELIA S. DIEZON
DE SOLITÁRIA A RADIANTE VERA JEAN PAFFEL
- 49 ÍNDICE DE 2000



VER PÁGINA 10

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 25 PERGUNTAS E RESPOSTAS: COMO POSSO SER UM BOM EXEMPLO SE SOU TÃO IMPERFEITO?
- 30 UMA VISÃO ETERNA ÉLDER CARLOS H. AMADO
- 48 PÔSTER: E SE . . .

O AMIGO

- 2 O ESPÍRITO DO NATAL: UMA MENSAGEM DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA ÀS CRIANÇAS DO MUNDO
- 4 HISTÓRIAS DO NOVO TESTAMENTO: JESUS É TENTADO; O CASAMENTO EM CANÁ
- 8 TEMPO DE COMPARTILHAR: NATAL O ANO TODO ANN JAMISON
- 10 FICÇÃO: PRESENTE PARA OS POBRES SHIRLEY G. FINLINSON
- 14 PRESENTES DE NATAL: MENSAGENS SINCERAS DE NATAL VICKI K. WILKINS
- 16 SÔ PARA DIVERTIR: AS DÁDIVAS DE JOSEPH JOAN FOX



VER PÁGINA 34

Dezembro de 2000, Vol. 24, Nº 12
A LIAHONA, 20992 059

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Manson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Dennis B. Neueschwander

Consultores: Lionel Kendrick, Yoshihiko Kikuchi, John M. Madsen.

Administradores do Departamento de Curricula:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Richard M. Romney
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Adjunto: Roger Terry
Editor Assistente: Jenifer Greenwood
Coordenador Editorial e de Produção: Shannon B. Booth
Assistente de Publicações: Collette Nebeker Aune

Equipe de Diagramação:

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott Van Kampen
Diagramador Sênior: Sharri Cook
Diagramadores: Thomas S. Child, Randall J. Pixton
Gerente de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Kari A. Couch, Denise Kirby, Kelli Pratt, Claudia E. Warner
Pré Impressão Digital: Jeff Martin

Equipe de Impressão e distribuição:

Diretor: Kay W. Briggs
Gerente de distribuição: (Assinaturas): Kris T. Christensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Reynaldo J. Pagura
Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.

© 2000 por Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impressa no Brasil.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

"A Liahona"—© 1977 de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930. Impressa no Brasil por ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Achilles Orlando Curtola, 597/617 - Barra Funda - São Paulo - SP - 01144-000.

ASSINATURAS: Toda correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a: Departamento de Assinaturas de A Liahona Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 - São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 18,00. Preço do exemplar em nossa agência: R\$ 1,80. Para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual: 1.300\$00. Para o exterior: Exemplar avulso: US\$ 3.00; Assinatura: US\$ 30.00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.

Envie manuscritos e perguntas para: International Magazine, 50 East North Temple, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA. Ou envie um e-mail para: CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org

A "Liahona" (um termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "orientador") é publicada em albanês, alemão, armênio, búlgaro, cebuano, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, haitiano, hiligaynon, húngaro, holandês, ilocano, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malaio, malgaxe, mongol, norueguês, polonês, português, quimbátano, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taiiano, tcheco, tonganês, ucraniano e vietnamita. (A periodicidade varia de uma língua para outra.)



A LIAHONA AJUDOU-ME A COMPARTILHAR O EVANGELHO

Minha mãe faleceu no dia 25 de janeiro de 2000. Ela não era membro da Igreja, mas foi uma mulher íntegra durante toda a sua vida. Muitos amigos e parentes ficaram inconsoláveis e não conseguiam entender que a morte faz parte da vida. Minha irmã e eu, que somos membros da Igreja, tivemos oportunidade de falar-lhes a respeito do evangelho e explicar-lhes o plano de salvação. Eles ficaram muito interessados e quiseram conhecer mais a respeito de nossa fé. Eu não tinha muito tempo para explicar sobre o evangelho naquela ocasião, mas dei a eles alguns exemplares da *Liahona*. (espanhol)

Os missionários agora estão ensinando minhas irmãs que não são membros da Igreja, bem como suas respectivas famílias. É maravilhoso falar sobre o evangelho e ter uma revista com mensagens tão confortantes que nos ajudam em épocas de dificuldade.

Margarita de Oliva,
Ramo de Virreyes,
Estaca Buenos Aires Argentina Litoral

PRESENTEAR COM UMA ASSINATURA DA LIAHONA

Fico sempre muito grata pela *Liahona* (tagalo). Ela contém histórias fascinantes que realmente me comovem. Toda vez que estou triste, leio a *Liahona* para ter alguma inspiração. Às vezes choro, às vezes sorrio, e outras vezes sinto uma enorme paz ao ler a revista. Quis transmitir esse maravilhoso sentimento de paz a outras pessoas; por

isso, dei a meus amigos não-membros uma assinatura da *Liahona*. Quero compartilhar as bênçãos que recebo sempre que leio essa revista.

Arjuna Razonable,
Ala Sampaguita,
Estaca Novaliches Filipinas



GRATIDÃO PELO TRABALHO MISSIONÁRIO E POR UM PROFETA VIVO

Desde que fui batizado, tento participar do trabalho missionário. Atualmente sirvo como missionário na Missão República Democrática do Congo Kinshasa. Sou grato pelo privilégio de falar sobre o evangelho a muitas pessoas. Os conselhos dos servos inspirados do Senhor sempre ajudaram a mim e a meus companheiros nesse trabalho.

Sou grato por tudo o que recebemos do Senhor por intermédio do profeta vivo, o Presidente Gordon B. Hinckley. Fiquei muito emocionado ao ler as palavras dele na edição de abril de 1999 na *L'Étoile* (francês) sobre a essência do trabalho missionário. (Ver "Palavras do Profeta Vivo", *A Liahona*, abril de 1999, p. 19.) Agradeço por essas palavras inspiradoras, pois elas ajudaram-me a entender muitas coisas relacionadas ao trabalho que estamos realizando.

Elder Timothée Buanga,
Missão República Democrática do Congo Kinshasa

A Maravilhosa e Verdadeira História do Natal



Não haveria Natal se não tivesse havido a Páscoa. O bebê Jesus de Belém seria apenas outro bebê se não houvesse o Cristo Redentor do Getsêmani e do Calvário, e a triunfante Ressurreição.

Presidente Gordon B. Hinckley

Que época maravilhosa é a do Natal! Nosso coração se torna mais compassivo. Elevamos a voz em adoração. Reentronizamos a bondade e a misericórdia em nossa vida. Esforçamo-nos bem mais em estender a mão aos necessitados e aflitos. Uma aura de paz envolve o nosso lar. Sentimos mais amor em nosso coração do que qualquer outra época do ano.

Entoamos juntos, como muitos o fizeram ao longo de quase três séculos, o hino de George Frideric Handel com letra de Isaac Watts:

Mundo feliz, louvai a Deus

Aos gratos dotes seus!

O Filho nos mandou,

Ao pecador salvou

Hosanas ao Senhor,

Hosanas ao Senhor,

Hosanas, hosanas ao Senhor!

(Hinos, número 121)



Meu coração se enche de humildade quando penso no grande amor do meu Pai Celestial. Quão grato sou por saber que Deus nos ama. A incompreensível profundidade desse amor foi manifestada na dádiva de Seu Filho Unigênito, que veio ao mundo para trazer esperança ao nosso coração, para trazer bondade e cortesia a nossos relacionamentos e, acima de tudo, para salvar-nos de nossos pecados e guiar-nos pelo caminho que conduz à vida eterna.

É maravilhoso o relato que teve início com o cântico dos anjos em Belém e terminou na terrível cruz do Calvário. Não há vida que se compare à Dele.

Ele foi o único homem perfeito que viveu na Terra, nosso grande exemplo de excelência, nosso único modelo de perfeição.

Compreendo em parte o significado de Sua Expição, mas não em toda a sua plenitude. Ela é tão imensa mas ao mesmo tempo tão íntima em seus efeitos que foge à minha compreensão.

“Oh, quão eloqüente, grandiosa e vigorosa é a morte!”, disse Sir Walter Raleigh, quando estava prestes a morrer na Torre de Londres.

Lembro-me de ter falado no funeral de um bom homem, um amigo cuja bondade inspirou-me a procurar ser melhor. Ao longo dos anos, conheci seu sorriso, suas palavras bondosas, o modo como utilizava sua brilhante inteligência e a grande extensão de seu serviço ao próximo. Então, aquele que tinha sido tão brilhante e tão bom, de repente, faleceu. Olhei para seu corpo sem vida. Não havia nenhum sinal de reconhecimento, nenhum movimento, nenhuma palavra. De modo dolorosamente definitivo, a morte o ceifou rapidamente e o tornou muito diferente do que era.

Olhei para sua viúva e seus filhos que choravam. Eles sabiam, como eu, que jamais ouviriam novamente



cântico dos anjos em Belém e terminou na terrível cruz do Calvário. Não há vida que se compare a Dele.

sua voz na mortalidade. Mas um terno sentimento, de natureza indescritível, dava-nos paz e consolo, parecendo dizer: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus”. (Salmos 46:10)

Parecia ainda acrescentar: “Não se preocupem. Tudo isso faz parte de Meu plano. Ninguém pode escapar da morte. Até meu Filho Amado morreu na cruz. Mas ao fazê-lo, Ele Se tornou as primícias da Ressurreição. Ele tirou da morte o seu aguilhão e da sepultura, a sua vitória”.

Posso imaginar o Senhor falando à chorosa Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá”. (João 11:25–26)

No final de tudo, quando toda a história for analisada, quando os recônditos mais profundos da mente humana tiverem sido explorados, nada será tão maravilhoso, tão majestoso, tão imenso quanto o ato de graça em que o Filho do Todo-Poderoso, o Príncipe da família real de Seu Pai,

Aquele que tinha sido conhecido como Jeová, Aquele que condescendeu em vir à Terra como um bebê nascido em Belém, deu a Sua vida de modo humilhante e doloroso, para que todos os filhos e filhas de Deus de todas as gerações dos tempos, todos aqueles que precisam passar pela morte, possam voltar à vida e viver eternamente. Ele fez por nós o que nenhum de nós poderia ter feito por si mesmo.

Gostaria de contar uma história muito simples que é uma espécie de parábola. Não sei quem foi o autor. Talvez seja especialmente interessante para nossos filhos. Espero que seja um lembrete para todos nós.

“Há muitos anos, havia uma pequena escola de uma só sala, nas montanhas da Virgínia, onde os meninos eram tão rudes que nenhum professor era capaz de lidar com eles.

Um jovem e inexperiente apresentou-se como candidato, e o velho diretor fitou-o nos olhos e pergun-



tou: 'Meu rapaz, sabe que está prestes a passar por um grande suplício nas mãos desses alunos? Todos os professores que tivemos aqui por vários anos passaram por isso'.

'Estou disposto a correr o risco', respondeu ele.

Chegou o primeiro dia de aula, e o professor apresentou-se para cumprir seu dever. Um rapaz grandalhão chamado Tom susurrou para os outros: 'Não vou precisar de ajuda com esse aí. Dou conta dele sozinho'.

O professor disse: 'Bom dia, meninos, estou aqui para dirigir a escola'. Eles zombaram dele, berrando a plenos pulmões. 'Eu quero que esta seja uma boa escola, mas confesso que não sei como fazê-lo a menos que me ajudem. Creio que devemos criar algumas regras. Vocês as ditam, e eu as escreverei no quadro-negro'.

Um rapaz gritou: 'Não roubar!' Outro berrou: 'Ser pontual'. Por fim, dez regras apareceram no quadro-negro.

'Agora', disse o professor, 'uma lei não tem grande valia a menos que haja um castigo associado a ela. O que faremos com aquele que quebrar as regras?'

'Dez chibatadas nas costas, sem o casaco', foi a resposta da classe.

'É um castigo extremamente rigoroso, rapazes. Têm certeza que querem isso?' Outro rapaz gritou: 'Sim'. O professor então disse: 'Está bem, vamos colocá-la em prática! Classe, todos em ordem!'

Alguns dias depois, o 'Big Tom' descobriu que alguém havia roubado seu lanche. O ladrão foi identificado: Era

um rapazinho faminto de dez anos. 'Encontramos o ladrão e precisamos puni-lo de acordo com suas regras: Dez chibatadas nas costas. Jim, venha até aqui!', disse o professor.

O rapazinho, que estava vestindo um grande casaco abotoado até o pescoço, ergueu-se lentamente, trêmulo, e suplicou: 'Professor, pode bater-me com toda a força que quiser, mas, por favor, não me faça tirar o casaco!'

'Tire o casaco', disse o professor. 'Foram vocês mesmos que criaram as regras!'

'Oh, professor, não me obrigue a fazer isso!' Ele começou a desabotoar o casaco. E para sua surpresa, o professor descobriu que o menino não tinha camisa, e seu corpo era esquelético e mirrado.

"Como posso castigar essa criança?" pensou ele. Mas eu preciso fazer algo se quiser manter esta escola. O silêncio era mortal.

'Por que você está sem camisa, Jim?'

Ele respondeu: 'Meu pai morreu e minha mãe é muito pobre. Tenho só uma camisa, e ela está sendo lavada hoje. Vesti o casaco do meu irmão para agasalhar-me'.

O professor, com a ripa de madeira na mão, hesitou. Nesse momento, o 'Big Tom' levantou-se de um salto e disse: 'Professor, se o senhor não se importar, quero receber as chibatadas no lugar do Jim'.

'Muito bem, há uma lei que determina que uma pessoa pode substituir outra. Todos concordam?'

Tom tirou o casaco, mas depois de cinco golpes, a ripa de madeira quebrou-se em suas costas! O professor pôs a mão na cabeça e pensou: 'Como vou terminar esta terrível obrigação?' Nesse momento, ele ouviu a classe soluçando e, para sua surpresa, viu que o pequeno Jim tinha se aproximado de Tom e abraçara-o com força. 'Tom, perdoe-me por ter roubado seu lanche, mas eu estava morrendo de fome. Tom, vou amá-lo até morrer por ter recebido as chibatadas em meu lugar! Sim, vou amá-lo para sempre!'"



Usando uma expressão dessa história bem simples, Jesus, meu Redentor, recebeu as "chibatadas em lugar" de todos nós.

O profeta Isaías declarou:

"(. . .) Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores (. . .)

(. . .) Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo

que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." (Isaías 53:4-5)

Essa é a maravilhosa e verdadeira história do Natal. O nascimento de Jesus em Belém da Judéia é o prefácio. O ministério de três anos do Mestre é o prólogo. A magnífica essência da história é Seu sacrifício, o ato completamente altruísta de morrer na dolorosa cruz do Calvário para expiar os pecados de todos nós.

O epílogo é o milagre da Ressurreição, dando-nos a certeza de que "assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". (I Coríntios 15:22)

Não haveria Natal se não tivesse havido a Páscoa. O bebê Jesus de Belém seria apenas outro bebê se não houvesse o Cristo Redentor do Getsêmani e do Calvário, e a triunfante Ressurreição.

Creio no Senhor Jesus Cristo, o filho do Deus Eterno e Vivo. Ninguém tão grandioso jamais habitou nesta Terra. Ninguém fez um sacrifício que se compare ao Dele ou concedeu-nos uma bênção que se iguale à que Ele nos proporcionou. Ele é o Salvador e Redentor do mundo. Creio Nele. Declaro Sua divindade com toda a certeza e convicção. Eu O amo. Pronuncio Seu nome com

reverência e assombro. Eu O adoro, tal como adoro Seu Pai, em espírito e verdade. Agradeço a Ele e ajoelho-me diante de Seu Filho Amado, que há muito tempo nos disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei". (Mateus 11:28)

Que este seja um feliz Natal para todos vocês. Mais importante, porém, desejo a cada um de vocês um momento, talvez apenas uma hora, de silenciosa meditação e tranqüila reflexão sobre o assombro e a majestade Daquele que é o Filho de Deus. Sentimos muita felicidade nesta época

porque Ele veio ao mundo. A paz que Dele provém, Seu infinito amor que todos podemos sentir, e o imenso sentimento de gratidão por tudo o que Ele voluntariamente nos concedeu, pagando pessoalmente um enorme preço por isso, são a verdadeira essência do Natal. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O profundo amor de nosso Pai Celestial por nós foi manifestado na dádiva de Seu Filho Unigênito, que veio ao mundo para trazer esperança ao nosso coração.

2. Nada é tão maravilhoso, majestoso e imenso quanto a grandiosa Expição de nosso Senhor, na qual Ele sofreu para que pudéssemos ressuscitar e viver eternamente.

3. Sentimos muita felicidade nesta época porque Ele veio ao mundo e porque Ele nos oferece Sua paz e Seu infinito amor.

**Sentimos
felicidade
nesta época
porque Ele**

**veio ao mundo. A paz que
Dele provém, Seu infinito amor
que todos podemos sentir
e um imenso sentimento de
gratidão são a verdadeira
essência do Natal.**

The background of the page is a watercolor illustration. It features a large, glowing yellow star in the upper left, a circular wreath-like shape in the center, and a wooden rocking chair on the right side. The colors are warm, including shades of brown, orange, and yellow.

Mais do que Luzes e Cores Brilhantes

Patricia Ch. Merlos

Nos meses que antecederam o Natal de 1998, eu e meu marido tivemos vontade de comemorar o Natal de modo diferente de tudo o que já fizéramos antes. No passado, passávamos a véspera de Natal reunidos com os parentes e amigos, jantando e abrindo os presentes, conforme a tradição de nosso país, El Salvador.

Contudo, naquele ano sentimos o profundo desejo de ensinar a nossos dois filhos pequenos o verdadeiro significado do Natal. Queríamos que eles soubessem que o Natal é mais do que luzes e cores brilhantes, mais do que festas e ceias, mais do que embrulhos e laços, árvores decoradas, abraços e votos de felicidade.

O Natal estava às portas e ainda não tínhamos certeza do que iríamos fazer naquela noite, mas eu não sentia o estresse que normalmente me aflige nessa época do ano. Decidimos que não iríamos sair com os amigos nem assumir nenhum outro compromisso social, mas fazer uma reunião simples em casa só com a família. Centrariamos nossos pensamentos no Salvador.

Na véspera de Natal, preparei um delicioso jantar. Quando nos sentamos à mesa, nossa filhinha Ileana disse, cheia de expectativa: "Parece que vamos receber visita hoje". Fiz um esforço enorme para conter as lágrimas. Eu esperava que Jesus Cristo de fato aceitasse nosso humilde convite.

Depois da ceia, meu marido ensinou-nos a respeito do nascimento de Jesus Cristo usando o segundo capítulo de

Lucas. Quando leu os versículos 13 e 14, "E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens", silenciosamente nos unimos às hostes celestes para agradecer a nosso Pai Eterno por enviar Seu Filho para expiar nossos pecados. Em seguida, Ileana leu para nós o significado dos símbolos de Natal. Abrimos algumas lembrancinhas e tiramos fotos.

Aquela noite que passamos juntos foi cheia de reverência, amor e gratidão a Jesus Cristo. Sentimos uma doce alegria que nunca experimentáramos antes na véspera de Natal.

Na manhã de Natal, resolvemos continuar nossa comemoração da mesma maneira que a começáramos. Preparamos comida como se estivéssemos indo para um piquenique e, por volta das 11h, fomos para a casa de Opal, uma senhora de 80 anos de idade que não é membro da Igreja. Ela possui uma beleza interior que faz com que todos desejem estar perto dela. Embora não fale nosso idioma e não seja de nossa cultura espanhola, nossos filhos adotaram-na como avó. Ileana passava horas conversando com Opal. E, apesar da timidez, Kevin, nosso filho, não hesitava em abraçá-la. Sou grata pelo amor de Opal, principalmente porque os avós de nossos filhos moram muito longe de nossa casa no Texas.

Queríamos passar o Natal com essa adorável viúva que mora sozinha e não tem filhos. Os olhos dela brilharam

quando chegamos. Ao servirmos a ceia, ela ficou emocionada. Deve ter sido o primeiro Natal em muitos anos em que teve companhia.

Depois de comermos, Opal abriu algumas lembranças que lhe trouxéramos. Mas nossa visita foi um presente mais para nós do que para ela. Sua alegria aqueceu-nos o coração.

Logo depois, fomos ao hospital para visitar a irmã Schroeder, membro de nossa ala. Desde o nascimento de nossos filhos, ela dava-lhes atenção e fazia-os sentirem-se importantes e amados. Sempre que nos cumprimentava, seu primeiro sorriso era para as crianças. Agora ela estava internada na unidade de terapia intensiva, prestes a deixar este mundo. Eu achava que as crianças não receberiam autorização para ir até o quarto, mas suas súplicas sinceras enterneceram o coração da enfermeira, que lhes permitiu a entrada.

Como a irmã Schroeder estava inconsciente, não sei se nos ouviu. Queríamos dizer-lhe o quanto ela era importante para nós e que a amávamos. Com toda a ternura de meu coração, acariciei o braço da irmã Schroeder ao orar ao Pai Celestial em seu favor. Foi o primeiro presente de Natal que dei com tanta sinceridade; foi embrulhado com compaixão e enfeitado com o laço de minhas lágrimas.

Em seguida, Ileana aproximou-se da cama e disse com voz angelical: “Irmã Schroeder, aqui é a Ileana. Estou aqui para desejar um feliz Natal”. Suas palavras entremeadas de lágrimas foram breves, porém sinceras. Eu tinha certeza de que, de alguma forma, a irmã Schroeder levaria consigo aquela lembrança para sua nova vida.

Aprendi muito com aquele nosso Natal não programado. Compreendi que as comemorações de Natal não precisam ser competições para ver quem pode dar ou receber os presentes mais caros. A dádiva mais valiosa que podemos oferecer é nosso amor — o amor pelo menino Jesus que nasceu há dois mil anos numa humilde



manjedoura, amor por nossos familiares e vizinhos, amor pelo lindo mundo que o Pai Celestial nos concedeu. Outro dom precioso é a nossa compaixão, esse sentimento que nos impele a “chorar com os que choram” (Mosias 18:9), erguer os fracos, visitar os solitários, secar as lágrimas dos que estão tristes. E outro presente é a nossa gratidão — gratidão por nosso Salvador que nos ensinou a viver e que, com amor e disposição, tomou sobre Si nossos pecados, pesares e imperfeições, conforme ordenou o Pai.

Comemoramos o Natal melhor quando vivemos de acordo com os ensinamentos do Salvador, não só no Natal, mas em todos os dias do ano. □

O PAPEL DE
CRISTO
COMO
REDENTOR

O Livro de Mórmon ensina que a redenção do Senhor deveu-se a Seu grande amor por nós e Sua compreensão do que somos e do que enfrentamos.





As comemorações de Natal não precisam ser competições para ver quem pode dar ou receber os presentes mais caros. A dádiva mais valiosa que podemos oferecer é nosso amor — o amor pelo menino Jesus que nasceu há dois mil anos numa humilde manjedoura, amor por nossos familiares e vizinhos, amor pelo lindo mundo que o Pai Celestial nos concedeu.



Durante o discurso dirigido a seu povo no continente americano em cerca de 124 a. C., o rei Benjamim fez uma profecia que alguns de seus ouvintes devem ter estranhado. Ele testificou: “Pois eis que o tempo se aproxima e não está muito longe, em que, com poder, o Senhor Onipotente que reina, que era e é de toda a eternidade para toda a eternidade, descerá dos céus no meio dos filhos dos homens e habitará num tabernáculo de barro”. (Mosias 3:5) Mesmo hoje, a idéia de que o grande Deus Jeová Se tornou mortal é espantosa, principalmente ao lembrarmos que, ao vir à Terra, Ele conservou tanto Sua natureza eterna como Seu poder divino. Portanto, Ele era diferente de qualquer outro ser nascido na mortalidade.

O rei Benjamim não foi o único profeta do Livro de Mórmon a tomar conhecimento da natureza da vinda do Messias e Seu ministério. Contudo, nenhum desses homens jamais viria a ter contato pessoal com o Senhor mortal. Esse privilégio coube aos que ministraram com Ele na Palestina. Assim, tudo o que o povo do Livro de Mórmon sabia a respeito do Cristo mortal provinha de revelações. Em outras palavras, foi o Salvador que determinou a que informações eles teriam acesso. Dessa forma, seria plausível crermos que as verdades que Ele concedeu ao povo do Livro de Mórmon estariam centradas nos aspectos que Ele julgasse mais importantes que eles e nós conhecêssemos.

“O DEUS ETERNO, QUE SE MANIFESTA A TODAS AS NAÇÕES”

O Livro de Mórmon ensina constantemente sobre o Salvador. Em sua folha de rosto, Morôni testifica que “Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, que se manifesta a todas as nações”. Dessa afirmação decorrem dois aspectos relevantes: o Salvador é e foi o “Deus Eterno” e Ele não Se manifestou somente aos judeus e aos nefitas, mas também a outros povos.

O rei Benjamim testificou que o Deus Eterno habitaria num tabernáculo de barro. No entanto, convém ressaltar que o corpo físico não anularia a divindade eterna do Senhor nem Sua onipotência. Amuleque reconheceu que, ao tornar-Se mortal, Jesus não foi despojado de

Seus poderes eternos. Quando o advogado Zeezrom perguntou a Amuleque: “Quem é aquele que virá? É o Filho de Deus?”, ele respondeu peremptoriamente que sim. Quando Zeezrom indagou: “É o Filho de Deus o próprio Pai Eterno?”, Amuleque respondeu: “Sim, ele é o próprio Pai Eterno do céu e da Terra (. . .) e virá ao mundo para redimir seu povo”. (Alma 11:32–33, 38–40) Em Sua vida pré-mortal, Jesus era Jeová, o Criador. Mesmo assim, sujeitou-Se a vir ao mundo como o Unigênito do Pai para redimir todos os que aceitassem Seu dom extraordinário.

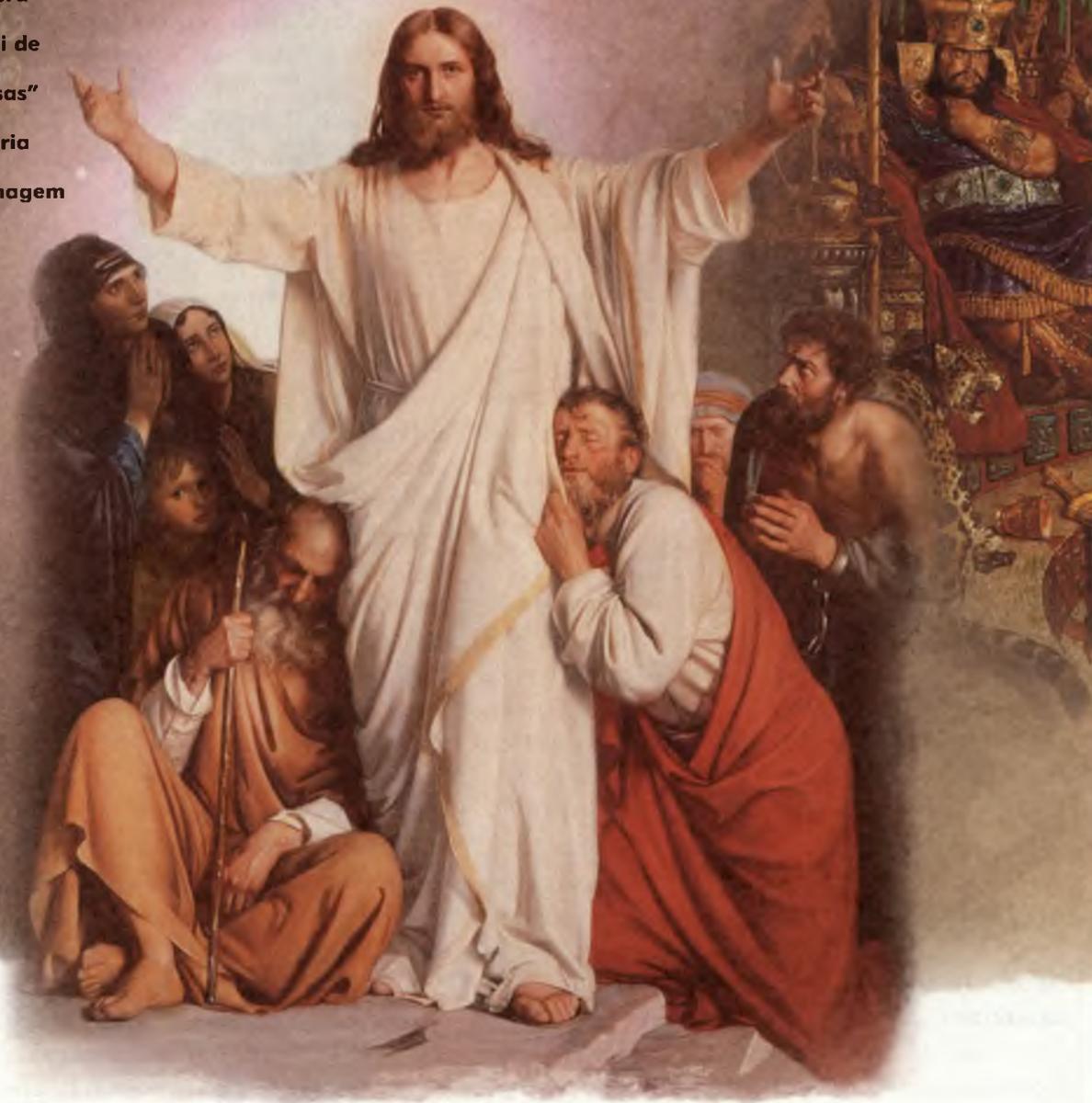
A natureza eterna do Senhor teve um papel primordial em Seu trabalho como Redentor. Contudo, tornou-O também único entre todos os nascidos na Terra. Amuleque uniu ambas as idéias ao falar a seu povo sobre um grande e último sacrifício que precisaria ser feito algum dia. Explicou que não seria um “sacrifício de homem nem de animal nem de qualquer tipo de ave; pois não [seria] um sacrifício humano”. (Alma 34:10)

As palavras de Amuleque têm algo de surpreendente. Como é que Jesus, nascido de mãe mortal como todos nós, não seria humano? A resposta descortina-se diante de nós ao compreendermos como Amuleque estava usando os termos *homem* e *humano*.

Amuleque não estava utilizando esses vocábulos como sinônimos exatos para qualquer mortal. É verdade que Jesus era um homem pleno porque Ele, assim como nós, era de carne e ossos e conseqüentemente morreria algum dia. Amuleque explicou que o grande e último sacrifício não seria um “sacrifício humano; [deveria], porém, ser um sacrifício infinito e eterno”. (Alma 34:10) Para Amuleque, os termos *homem* e *humano* descrevem todos os seres que ainda não têm os atributos e poderes de Deus; eles não são infinitos nem eternos. Portanto, um sacrifício humano não satisfaria os requisitos daquele grandioso e derradeiro holocausto.

Isso não quer dizer que Amuleque considerasse *homem* ou *humano* termos pejorativos. Como o rei Davi disse: “Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? Pois pouco menor o fizeste do que os anjos [em hebraico, *elohim*, ou seja, “deuses”], e de glória e de honra o coroaste”. (Salmos 8:4–5)

Abinádi ensinou
que “Cristo era
o Deus, o Pai de
todas as coisas”
e que “tomaria
sobre si a imagem
de homem”.



Certamente, os humanos não são cidadãos de segunda classe no universo, mas tampouco são como Deus. O Salvador, por outro lado, embora revestido de carne e sangue durante Seu ministério mortal, é um Deus.

Amuleque não foi o único a testificar que o Senhor mortal era incomparável em poder e dignidade. Abinádi testificou ao rei Noé e seus sacerdotes que o Messias que viria era o “Deus [que] redimiria o seu povo”. Ele cumpriria essa responsabilidade “[descendo] entre os filhos dos homens e [tomando] a forma de homem e andaria com grande poder”. (Mosias 13:33–34) Observe que

Abinádi não disse que Ele seria um homem; na verdade, tomaria a *forma* de homem. O rei Lími entendia essa nuance e explicou que Abinádi ensinara que “Cristo era o Deus, o Pai de todas as coisas” e que Ele “tomaria sobre si a imagem de homem”. (Mosias 7:27) Mais uma vez, as escrituras fazem a clara distinção entre o que o Salvador era e o que somos. Jesus pode ter assumido nossa *imagem*, mas conservou Sua posição de Deus.

Foi por ser Deus e não homem é que Jesus pôde ministrar como ministrou. Um anjo ensinou ao rei Benjamim que o Salvador “[sofria] tentações e dores corporais,



fome, sede e cansaço maiores do que o homem pode suportar sem morrer”. (Mosias 3:7; grifo do autor) O motivo de não podermos suportar os suplícios, fome, sede e fadiga padecidos pelo Salvador é que não temos o poder divino que Ele possuía.

A CONDESCENDÊNCIA DE DEUS

O Livro de Mórmon salienta continuamente a natureza ímpar do Salvador. Testifica que Jesus, mesmo na mortalidade, era um Deus. E por que era um Deus? Porque era o Filho literal de Elohim.

Néfi aprendeu isso por meio de uma visão marcante. Um anjo perguntou-lhe se ele conhecia a condescendência de Deus. O termo *condescendência* no tocante a Jesus Cristo denota Sua submissão à condição de humano sem, no entanto, deixar de ser Deus. Néfi respondeu que sabia “que [Deus] [amava] Seus filhos; não [conhecia], no entanto, o significado de todas as coisas”. (1 Néfi 11:17) Então, o anjo ensinou a Néfi que Jesus demonstraria Sua condescendência de duas formas.

Primeiro, o anjo mostrou a Néfi uma virgem “carregando uma criança nos braços. E disse[-lhe] o anjo: Eis o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno!” (1 Néfi 11:20–21) Pouco antes, o anjo explicara a Néfi: “Eis que a virgem que vês é a mãe do Filho de Deus, segundo a carne”. (1 Néfi 11:18) Devido a Sua condescendência, Jesus sujeitou-Se a nascer como qualquer outro bebê mortal, “segundo a carne”.

Em Nazaré, Ele teve uma infância normal, depois

tornou-Se um jovem adulto, fortalecendo-Se “em espírito, cheio de sabedoria”. (Lucas 2:40) Ao crescer de graça em graça e adquirir graça após graça, “recebeu a plenitude da glória do Pai; e recebeu todo o poder, tanto nos céus como na Terra; e a glória do Pai estava com ele, porque ele habitava nele”. (D&C 93:16–17) Portanto, embora tenha aberto mão de Seus privilégios divinos para tornar-Se como um de nós, o Salvador não abdicou de Seu ofício nem de Sua natureza infinita e eterna. Ele nasceu com esses poderes essenciais intactos porque era literalmente o Filho de Deus.

Em segundo lugar, o anjo mostrou a Néfi “o profeta que prepararia o caminho diante dele. E o Cordeiro de Deus aproximou-se e foi batizado por ele”. (1 Néfi 11:27) Vale lembrar que foi Jesus — um Deus — que Se sujeitou a ser batizado por um mortal. Por meio desse ato de submissão, fez duas coisas: revelou o portão pelo qual todos precisariam passar para entrar no céu e subjugou a carne para cumprir a vontade de Seu Pai. (Ver 2 Néfi 31:4–10.)

O AMOR DE DEUS

É interessante notar que, após essa visão, Néfi soube a resposta à pergunta que antes desconhecia: o que representava a árvore no sonho de seu pai. Depois de ver a virgem com seu Filho divino, o anjo perguntou-lhe: “Sabes tu o significado da árvore que teu pai viu?” (1 Néfi 11:21) Agora, Néfi respondeu: “Sim, é o amor



Qual era a relação entre a visão da virgem, a visão da árvore e o amor de Deus? O Espírito parece ter sussurrado a Néfi: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”.



de Deus, que se derrama no coração dos filhos dos homens”. (1 Néfi 11:22) Qual era a relação entre a visão da virgem, a visão da árvore e o amor de Deus? O Espírito parece ter sussurrado a Néfi a essência da mensagem que o apóstolo João ouviria o Salvador proclamar: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça,

mas tenha a vida eterna”. (João 3:16) Um aspecto do Messias mortal que não devemos negligenciar é que Sua própria vida é uma demonstração do amor do Pai a cada um de nós.

O Salvador manifestou esse mesmo amor durante Seu ministério de três maneiras: primeiro, revelou-o servindo ao próximo ao “[sair] ministrando entre o povo, em

poder e grande glória”. (1 Néfi 11:28) Observemos que o Salvador evidenciou Seu amor por meio do poder divino. Néfi escreveu: “E olhei e vi o Cordeiro de Deus caminhando entre os filhos dos homens. E vi multidões de pessoas doentes e afligidas com toda espécie de moléstias e com demônios e espíritos imundos. (. . .) E foram curados pelo poder do Cordeiro de Deus”. (1 Néfi 11:31) Alma também testificou que o “Filho de Deus [viria] em sua glória” e que estaria “pronto a ouvir o clamor de seu povo e a responder a suas orações”. (Alma 9:26) Os muitos milagres do Senhor confirmaram que Ele veio com o poder e glória de Deus para abençoar os filhos do Pai.

A segunda forma pela qual o Senhor demonstrou Seu amor foi ao suprimir Seus poderes divinos a fim de viverem plenamente a mortalidade. Alma observou que o Senhor sofreria dores, aflições e tentações, “para que se [cumprisse] a palavra que [dizia] que ele [tomaria] sobre si as dores e as enfermidades de seu povo”. (Alma 7:11) Portanto, Ele sabia “segundo a carne, como socorrer seu povo”. (Alma 7:12)

Por fim, o Senhor mostrou Seu amor ao entregar-Se nas mãos dos iníquos. Néfi viu que multidões expulsariam o Redentor de seu meio e O julgariam à maneira do mundo. Néfi compreendeu também que o Salvador seria escarnecido, humilhado, açoitado e finalmente crucificado. (Ver 1 Néfi 11:32–33.) Ele, que não tinha pecados, sofreria pelos pecados de Seus algozes e padeceria como oferenda por todos os pecados devido a Seu amor por Deus e Seus filhos.

O REDENTOR

Uma das maiores bênçãos decorrentes do fato de o Senhor Jesus Cristo ter-Se sujeitado à morte foi o dom da redenção. Alma testificou que Ele “[viria] para redimir os que se [batizassem] para o arrependimento, pela fé em seu nome”. (Alma 9:27) Leí afirmou que o Messias seria o “Redentor do mundo. Portanto toda a humanidade se encontrava num estado de perdição e queda; e assim continuaria, a não ser que confiasse nesse Redentor”. (1 Néfi 10:5–6) O título que Leí usa para o Salvador é importante. *Redimir* é resgatar alguém do cativeiro e do sofrimento. No sentido religioso, significa libertar alguém das conseqüências eternas do pecado, que constitui a segunda morte.

Os líderes judeus rejeitaram o Senhor em grande parte porque Ele testificava ser o Redentor. O Livro de Mórmon revela que, apesar dos atos divinos realizados pelo Salvador, os judeus O “[considerariam] um homem e [diriam] que [estava] endemoninhado e [o crucificariam]”.

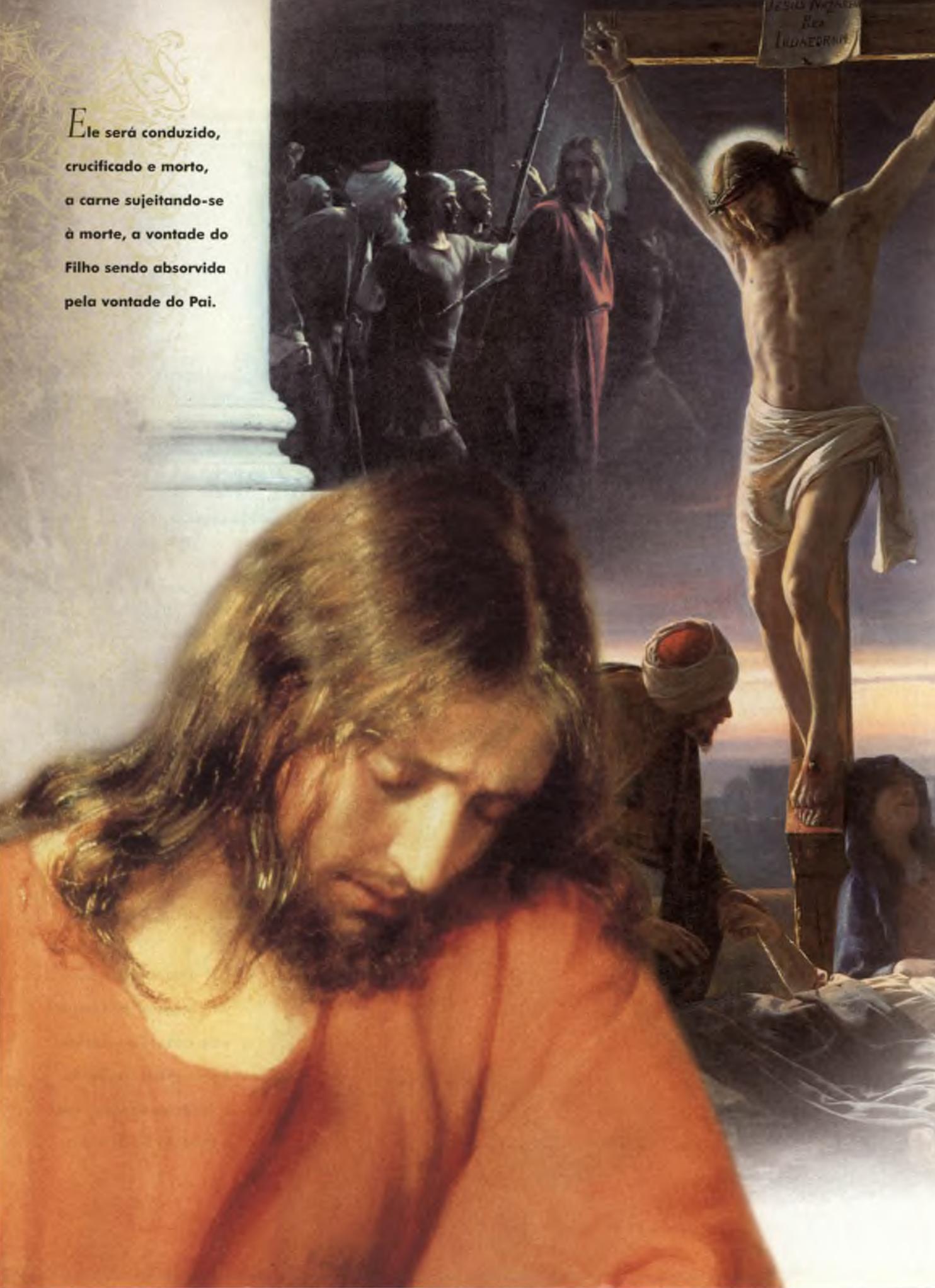
(Mosias 3:9) Leí compreendia o motivo dessa reação. Ao ser chamado para o ministério, Leí “viu Um que descia do meio do céu; e viu

O anjo mostrou a Néfi
uma virgem “carregando
uma criança nos braços.
E disse[-]lhe] o anjo: Eis
o Cordeiro de Deus, sim,
o Filho do Pai Eterno!”



DETALHE DA VISÃO DE NÉFI DA VIRGEM MARIA, DE JUDITH MAYER

*E*le será conduzido,
crucificado e morto,
a carne sujeitando-se
à morte, a vontade do
Filho sendo absorvida
pela vontade do Pai.



que o seu resplendor era maior que o do sol ao meio-dia". (1 Néfi 1:9) Quando Leí testificou "claramente [da] vinda de um Messias e também [da] redenção do mundo" (1 Néfi 1:19), os líderes judeus de sua época se encheram de ira e repulsa. Não aceitavam a idéia de que o Messias viria como Redentor; queriam um libertador. O Messias que tão ardentemente esperavam viria livrá-los da servidão política e lhes entregaria o domínio da terra. Eles não tinham interesse em outro tipo de messias. Portanto, recusaram-se a ouvir o testemunho de Leí. As palavras dele incomodavam-nos profundamente, pois davam a entender que eles estavam vivendo em estado pecaminoso e que teriam que se arrepender. Em vez de admitir seus erros e modificar suas atitudes, idéias e maneira de viver, tentaram tirar a vida de Leí.

Contudo, o desejo dos líderes judeus não viria a concretizar-se. O trabalho que Deus designou para a primeira vinda do Senhor, como o Livro de Mórmon esclarece, não era libertar o povo da opressão política, mas oferecer redenção do pecado. O Salvador não veio para salvar as pessoas de tiranos nem para salvá-las em seus pecados. Ele testificou: "Eis que vim ao mundo para trazer redenção ao mundo e salvar o mundo do pecado". (3 Néfi 9:21) Amuleque explicou o motivo: O Salvador "não pode salvá-los em seus pecados, porque eu não posso negar a sua palavra e ele disse que nada impuro pode herdar o reino do céu; portanto, como podeis ser salvos, a menos que herdeis o reino do céu? Portanto não podeis ser salvos em vossos pecados". (Alma 11:37)

O Salvador pôde trazer a redenção à humanidade por meio de Sua natureza dual: tanto mortal como imortal. Abinádi disse ao povo de sua época: "O próprio Deus descerá entre os filhos dos homens e redimirá seu povo". (Mosias 15:1) Explicou que Jesus, que habitaria

num corpo físico, seria chamado o Filho de Deus; mas como Elohim Lhe concedera poder divino, Jesus também seria o Pai de nossa vida eterna. Assim, Abinádi declarou que Jesus Se tornou o "Pai e o Filho". (Mosias 15:3) Frisou que, embora Jesus fosse o Filho de Deus na carne, era também "o próprio Pai Eterno do céu e da Terra". (Mosias 15:4) Abinádi disse que, embora Jesus fosse o Pai e o Filho, não seria poupado das tentações ou da maldade das pessoas. De fato, "[seria] conduzido, crucificado e morto, a carne sujeitando-se à morte, a vontade do Filho sendo absorvida pela vontade do Pai". (Mosias 15:7)

Foi por causa da carne, isto é, de Sua filiação, que Jesus sentia as frustrações, tentações e dores da mortalidade. Assim, Sua filiação foi crucial em Seu ministério, pois por meio dela Ele sentiu o que sentimos, compreendeu o que compreendemos e soube o que sabemos. Embora fosse divino, viveu intensa e plenamente todas as experiências mortais, passando momentos tanto agradáveis como desagradáveis. Dessa forma, pôde desenvolver total empatia e, ainda que não fosse homem nem humano na mesma acepção que o restante de nós, Suas entranhas Se encheram de misericórdia, como Alma testificou, para que Ele "[socorresse] seu povo, de acordo com suas enfermidades". (Alma 7:12)

A mensagem profética do Livro de Mórmon a respeito do Senhor mortal está centrada em Seu papel de Redentor. A redenção foi realizada devido ao Seu amor por nós e, em grande parte, à Sua compreensão do que somos e das experiências que vivenciamos. Embora sempre tenha sido um Deus, sentiu na pele a mortalidade. Portanto, entende nossos esforços e fracassos; conhece-nos, pois tornou-Se uno conosco. Mas ao sujeitar-Se a ser como nós, agora é capaz e elevar-nos para que nos tornemos como Ele. (Ver 3 Néfi 27:14-22.) □

“Um Destes Meus Pequeninos Irmãos”

Roger Terry FOTOGRAFIAS DO AUTOR, EXCETO QUANDO INDICADO

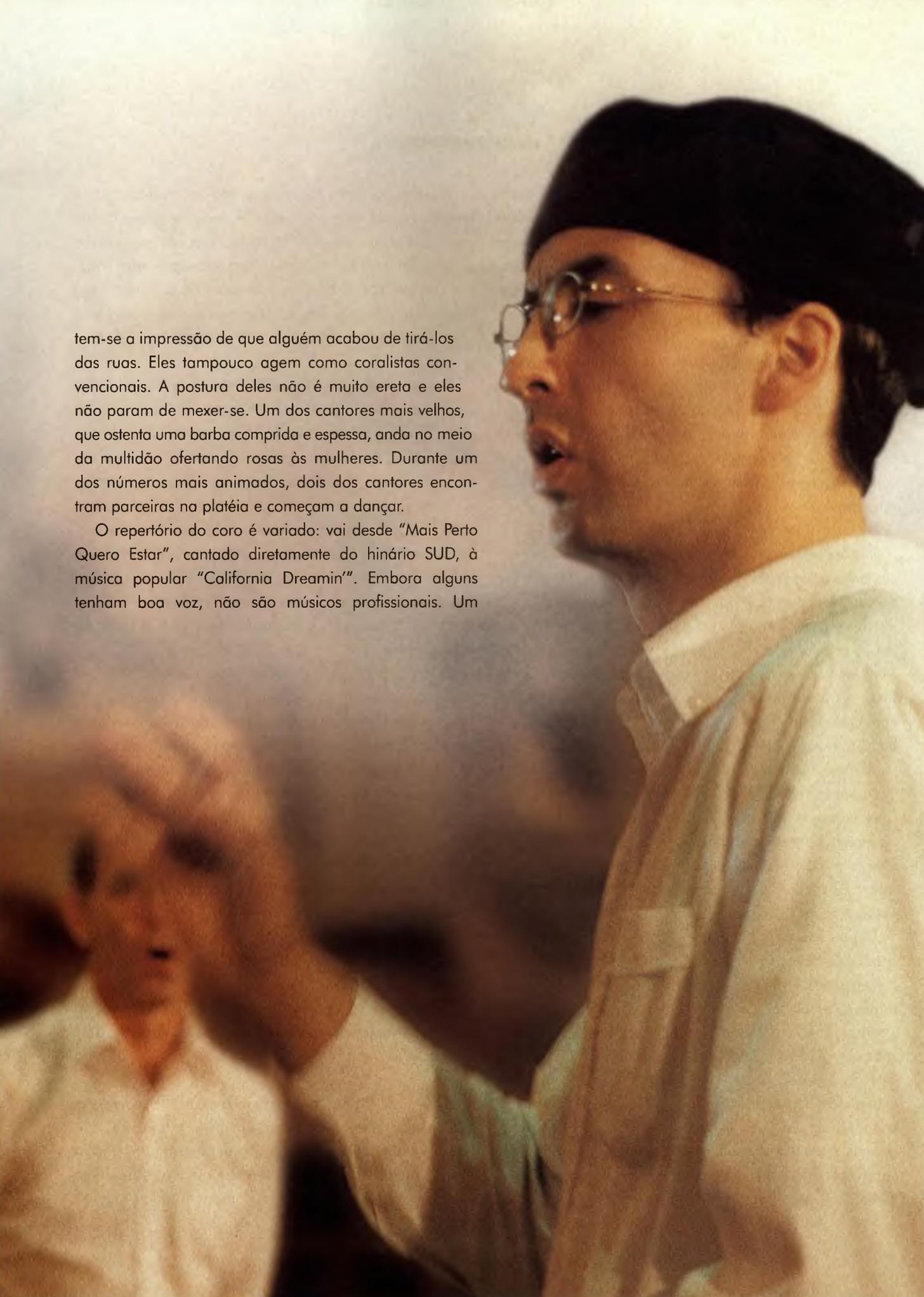
Nada de poltronas acolchoadas, decoração sofisticada, iluminação especial, sistema de som moderno ou recepcionistas. É claro que não; afinal, não se trata de uma sala de espetáculos, mas da estação de metrô mais movimentada de Montreal. Contudo, não deixa de ser um local de efervescência cultural, pois é onde se apresenta o Chorale de l'Accueil Bonneau. No intenso brilho fluorescente dessa estação enorme e barulhenta, estão dezoito homens de calça preta, camisa branca e uma profusão de gorros, boinas, cachecóis e lenços. A idade dos cantores varia de 22 a 69 anos.

O rosto combalido deles reluz com uma alegria que quase oculta as profundas marcas do infortúnio e da rejeição. “Que dia feliz!” cantam eles, e é impossível não crer em suas palavras.

Um trem pára ruidosamente e dele sai uma multidão de pessoas que vão às compras de sábado, estudantes cansados e pessoas que trabalham no fim-de-semana. Muitos se detêm para ouvir. Alguns dão um passo à frente e deixam moedinhas num chapéu que fica no chão no lugar em que esperaríamos ver o regente.

Os cantores não parecem muito com um grupo tradicional de coralistas. De fato,





tem-se a impressão de que alguém acabou de tirá-los das ruas. Eles tampouco agem como coralistas convencionais. A postura deles não é muito ereta e eles não param de mexer-se. Um dos cantores mais velhos, que ostenta uma barba comprida e espessa, anda no meio da multidão ofertando rosas às mulheres. Durante um dos números mais animados, dois dos cantores encontram parceiras na platéia e começam a dançar.

O repertório do coro é variado: vai desde "Mais Perto Quero Estar", cantado diretamente do hinário SUD, à música popular "California Dreamin'". Embora alguns tenham boa voz, não são músicos profissionais. Um

dos solistas é até meio desafinado. Mas a energia deles compensa qualquer falta de treinamento ou aptidão natural. Eles cantam de todo o coração e não resta dúvida de que estão divertindo-se. E o público também, que muda a cada três minutos com a chegada e partida dos trens.

Ao fim de duas horas, o chapéu está praticamente cheio, e a apresentação chega ao fim. Só então se percebe que o coro tem um maestro. Quando termina a última música e a multidão se dispersa, um homem magro de cabelo escuro, óculos e sorriso radiante afasta-se do grupo. Seu nome é Pierre Anthian, e o coro, explica ele, é uma mera extensão de suas crenças religiosas.

Pierre Anthian, filho de um oficial do exército francês, nasceu na Argélia durante a guerra de independência do país. Quando tinha quatro anos de idade, sua família voltou para Pau, uma cidade do sudoeste da França. Pouco tempo depois, seus pais divorciaram-se e a mãe, Michka, ficou com a guarda dos quatro filhos. Quando Pierre estava com nove anos de idade, os missionários conheceram sua família. Os filhos foram os primeiros a batizarem-se; logo depois, a mãe seguiu seu exemplo.

A irmã Anthian ensinava os princípios do evangelho, inclusive o amor e serviço cristão, da melhor forma possível: pela aplicação pessoal. Ela e os filhos serviam tanto na Igreja como na comunidade. Às vezes, a família convidava para o almoço pessoas que não tinham onde morar. Pierre prestava serviço comunitário em hospitais e casas de repouso, abrigos de sem-teto e albergues.

Depois de formar-se em odontologia, Pierre serviu como missionário na Suíça. Quando voltou para casa, começou a trabalhar na fabricação de próteses dentárias, primeiro na Riviera Francesa e depois em Paris. A essa altura, ajudar o próximo já era parte de sua vida e ele começou a servir refeições no maior abrigo de sem-teto de Paris. Foi nessa época que passou a ficar incomodado com a idéia de simplesmente doar alimentos. “É bom dar comida”, diz ele, “mas o que a Igreja ensina? Ensina as pessoas a serem auto-suficientes. Assim, comecei a procurar uma idéia, algum meio especial de proporcionar dignidade e autonomia àquelas pessoas.”

Por fim, ocorreu-lhe que a música poderia ser a ferramenta de que precisava. A música não só fazia parte da cultura religiosa de Pierre, mas era uma paixão pessoal. Ele estudara música, principalmente canto coral, em conservatórios de Pau, Cannes e Paris e certa vez regera um coro da Igreja. Teve a idéia de começar a ensaiar um coro formado pelos excluídos da sociedade.

O coro sobe os degraus da estação e chega ao nível da rua. Um ônibus escolar amarelo logo chegará para levá-los até uma igreja católica do subúrbio de Montreal onde farão uma apresentação noturna. O sol da tarde está agradável e as folhas do outono, embora já sem o viço de outras épocas, ainda adornam a cidade com tons de amarelo desbotado e vermelho-ferrugem. Enquanto o grupo aguarda o ônibus, um integrante do coro, Jean-Louis, conta como o coro o libertou de vícios prejudiciais. “Agora só viajo nos acordes da música”, orgulha-se. Outros têm histórias semelhantes.

O coro proporcionou-lhes algo que as doações jamais poderiam: a dignidade. Eles consideram-se músicos profissionais e agora estão devolvendo algo à sociedade e sendo recompensados por seu trabalho.

Os integrantes do coro entusiasmam-se ao falar de Pierre. Sabem onde estariam hoje se não fosse por ele, mas sua amizade vai muito além da gratidão. Eles brincam com ele constantemente, e ele aceita bem as brincadeiras e retribui. Não é um grupo sisudo. O rosto deles está marcado pelo álcool, pelas drogas, pela violência, prisão e fome. No entanto, pintados expressivamente sobre a dor ainda visível em cada fisionomia cansada e maltratada estão a esperança, a satisfação e o bom humor.

Finalmente, o ônibus chega. Durante a viagem, Pierre fala sobre as origens do Chorale de l'Accueil Bonneau.

A idéia de Pierre de organizar um coro de moradores de rua nunca se concretizara em Paris porque ele não ficou lá muito tempo. Seu irmão mais velho e sua irmã haviam-se mudado para Montreal e ele visitava-os com freqüência. Em abril de 1995, Pierre mudou-se para

Québec para casar-se. O noivado acabou não indo avante, mas ele apaixonou-se pelo Canadá e resolveu ficar. Montou um consultório odontológico bem-sucedido e, como não poderia deixar de ser, começou a realizar trabalho voluntário.

“No meu segundo dia aqui”, diz ele, “consultei o escritório de turismo da cidade e perguntei onde poderia prestar serviço voluntário”. Coincidentemente, o funcionário que o atendeu trabalhava como voluntário no Accueil Bonneau, um abrigo de sem-teto, e explicou-lhe como chegar lá. “Cheguei na hora do almoço e deram-me logo um avental”, lembra ele. “Comecei a servir almoço aos sem-teto. Fiz isso por mais de um ano.”

No entanto, as mesmas frustrações que sentira em Paris voltaram à tona, bem como a idéia que lhe ocorrera. Preparou 600 convites e distribuiu-os aos homens na fila do almoço, oferecendo emprego a “cantores, mesmo iniciantes, para trabalho em período parcial. Apenas homens, de qualquer idade e nacionalidade. É preciso gostar de cantar. Não se exige conhecimento de música”. Trinta homens demonstraram interesse, mas no primeiro ensaio só três compareceram. No dia seguinte, porém, vieram sete. No outro, doze apareceram. Pierre ensinou-lhes quatro hinos de Natal do hinário da Igreja.

O metrô era um local inspirado e lógico para se apresentarem. “Se a montanha não vem a nós, devemos ir até ela”, diz Pierre. “Muitos milhares de pessoas utilizam o metrô.”

Os habitantes de Montreal já estão acostumados a ver pessoas morando nas ruas, mas não estavam preparados para o que os esperava na estação de metrô às 7h30 de 17 de dezembro de 1996. Foi uma experiência inesquecível tanto para os coristas quanto para os usuários do transporte urbano. “Como eu estava regendo”, explica Pierre, “não conseguia ver o rosto dos espectadores,

mas enxergava o de meus amigos do coro. A fisionomia deles mudou. As pessoas amontoaram-se à nossa volta. Várias perderam o trem para ouvir mais. Uma mulher começou a chorar, e seus soluços encheram de indescritível emoção aquele momento marcante. Era como se estivéssemos sendo atingidos em cheio por um turbilhão de sentimentos. As pessoas estavam chorando, cantando conosco e colocando dinheiro no chapéu ao ritmo da melodia, moedinha por moedinha. Até formaram fila para dar sua contribuição. Foi uma experiência maravilhosa.”

Aquela primeira apresentação rendeu mais do que esperávamos. Na manhã seguinte, o coro arrecadou ainda mais. “Mas a maior recompensa para aqueles homens”, diz Pierre, “era ver as pessoas irem diretamente até eles para conversar e apertar-lhes a mão. Isso tinha grande significado para eles, pois haviam passado boa parte da vida revirando latas de lixo, pedindo esmola ou mesmo roubando para sobreviver.”

O coro cantou todos os dias naquela época de Natal, com exceção dos domingos. O dinheiro que ganharam permitiu a cada um deles passar as datas festivas com mais conforto. Alguns até conseguiram visitar os parentes.



O coro já gravou cinco CDs e fez mais de 700 apresentações, mas Pierre não considera essas as maiores realizações do grupo.

Muitos não viam os familiares havia vários anos.

“Após a última apresentação”, recorda Pierre, “perguntei a meus amigos: ‘Querem continuar com o coro ou parar agora e só recomeçar no próximo Natal?’ Eles insistiram para que prosseguíssemos.

É tarde da noite no sábado. O dia foi muito agitado para o coro, e nota-se que eles estão cansados pelo simples fato de que as vozes não estão tão harmônicas quanto no início das apresentações e eles têm dificuldade para alcançar algumas notas mais agudas. Mas os mais de 200 presentes parecem não se importar. Os cantores ainda exibem a mesma energia mostrada à tarde no metrô e vários deles fazem ronda nos corredores, convidando a esmo pessoas da platéia para unirem-se a eles no palco.

Os espectadores já ouviram hinos e músicas populares, mas agora chegou o momento mais esperado da noite. Quem não é do Québec não reconhece a melodia e a letra da canção, mas é evidente que ela tem um significado todo especial para os moradores da província. Todos se levantam, dão-se as mãos, e movimentam-se ao compasso da música, cantando com todo o coração. As lágrimas são inevitáveis. Ao fim da música, há apenas silêncio durante alguns instantes mágicos. Em seguida, percebendo que se trata do último número, mas sem querer o fim do encanto,

o público aplaude entusiasticamente e pede bis. O coro atende, não só uma vez, mas duas até que finalmente a platéia os deixa partir.

Logo após a primeira apresentação no metrô, o coro despertou a atenção da imprensa. Dois dias depois, eles foram convidados para introduzir o boletim meteorológico de uma grande emissora de televisão, o que rendeu artigos na maioria dos jornais do Québec na manhã seguinte. Essa publicidade inesperada e gratuita permitiu ao coro assinar contratos para apresentações em festivais, escolas, igrejas, bancos e outras redes de televisão.

“A mídia”, diz Pierre, “deu-nos a oportunidade de transmitir a mensagem de que a vida é bela, vale a pena ser vivida e de que nunca devemos desistir. Todos merecem uma segunda chance e nenhuma pessoa deve ser excluída, mesmo que seja diferente.”

Essa crença motivou Pierre desde o início a manter dois corralistas que não cantam muito bem. “Não é preciso saber cantar para participar do coro”, explica ele. “Eles já sofreram rejeição demais na vida.”

O irmão Anthian tem várias metas para o coro. Uma é injetar alegria, amor e esperança na vida de homens que no passado tentaram suavizar suas dores com drogas, álcool e outros vícios. Um exemplo claro da realização dessa meta é a vida de Nicolas “Colas” Allaire, que distribuiu rosas durante as apresentações no metrô. Colas, hoje com 65 anos, foi criado num orfanato de Montreal, de onde só saiu aos dezessete anos de idade. Sem instrução formal, familiares, amigos nem dinheiro, nunca conseguiu trabalho. No inverno, cavava abrigos na neve para não morrer congelado. Às vezes,

O coro ensaia no terceiro andar do abrigo de sem-teto Bonneau, em frente ao rio Montreal. As apresentações ajudaram a arrecadar dinheiro para a construção do novo prédio depois que o antigo foi destruído numa explosão de gás.



praticava delitos só para ir para a cadeia e ter o que comer todos os dias. Este é seu primeiro emprego regular. Desde que começou a cantar no coro, diz ele, “minha vida virou um paraíso. Fiz amizades e comecei a sustentar-me. Agora tenho um pequeno apartamento e sou feliz”.

Outra das metas do irmão Anthian é levar essa alegria, amor e esperança para as outras pessoas. “Por exemplo”, conta ele, “após uma apresentação no metrô, uma senhora tomou-me pela mão e disse-me que acabara de saber que estava com câncer. A princípio, teve vontade de jogar tudo para o alto, mas depois de ouvir aqueles homens que tinham superado tantos problemas, ganhou novo alento.”

Grande parte da dignidade que esses homens sentem hoje provém da consciência de que estão dando sua parcela de contribuição à sociedade. Estão fazendo a diferença, principalmente nas escolas. As crianças às vezes são rebeldes e não dão ouvidos aos pais e professores, mas escutam quando os integrantes do coro dizem: “Parei de ir à escola e de obedecer a meus pais. Não ouvi as autoridades nem meus professores. Usei drogas e álcool e agora estou morando na rua. Então, por favor, estudem bastante, respeitem seus pais e professores e não se envolvam com as drogas”.

Uma tradição já antiga do coro é partilhar o que têm com o próximo. A compaixão faz parte da natureza desses homens. Eles dividem entre si a quantia que ganham cantando no metrô, mas os valores que cobram pelas outras apresentações vai direto para o abrigo de sem-teto *Accueil Bonneau*.

Uma das oportunidades mais significativas que o coro teve para ajudar surgiu em consequência de uma tragédia. Em junho de 1998, um vazamento de gás causou um incêndio que destruiu o abrigo. A explosão matou três pessoas e feriu outras 33. Contudo, dentro de poucos meses, a comunidade fez doações consideráveis. O coro teve participação decisiva para levantar os fundos necessários para a reconstrução, fazendo inúmeras apresentações para arrecadar dinheiro. No lugar do prédio velho e malcuidado, foi erguido um novo abrigo.

Em dezembro de 1999, a pedido de uma emissora de televisão do Québec e de um importante jornal de Montreal, o coro percorreu toda a província, realizando

64 apresentações de Natal em 20 dias. Essa turnê era uma oferta que eles simplesmente não tinham como recusar: o ingresso seria alimentos para os sem-teto e os pobres. Foi outra oportunidade para o coro dar sua parcela de contribuição.

Ao perguntarem-lhe quais foram as maiores realizações do coro, Pierre responde que, acima de tudo, é a própria existência do coro, “criado entre homens com a vida arruinada e solitária. Em segundo lugar, é o fato de terem permanecido juntos. Somente quem acompanhou o coro de perto compreende como esse projeto foi difícil. Muitos desses homens sentiram na pele tanta rejeição, solidão e desespero que sua vida ainda está frágil. Não é fácil abandonar hábitos arraigados, e alguns homens voltaram para as ruas por não conseguirem adaptar-se às regras de Pierre ou suportar os rigores dos ensaios e apresentações.

As regras são simples, mas para a maioria dos coralistas exigiram uma verdadeira revolução nos hábitos; afinal, não se admitem violência, drogas nem álcool durante qualquer apresentação ou ensaio. E exige-se pontualidade. “O coro é uma escola”, explica Pierre. “Se ficamos na escola, aprendemos. Muitos moradores de rua bebem bastante e passam o dia dormindo. À noite, como não têm onde dormir, ficam perambulando pelas ruas. De manhã, encontram um lugar para dormir e depois, por não terem nada para fazer, partem novamente para a bebida. Minha função é dar-lhes uma ocupação, uma agenda diária. Início nossas atividades às 7 horas da manhã para obrigá-los a levantarem-se e, conseqüentemente, deitarem-se cedo”. Por causa dessa rotina, muitos que eram alcoólatras abandonaram completamente a bebida; a música ocupou seu lugar. Como Pierre sugere, “a música é uma terapia”.

“É um sentimento muito positivo, uma sensação de euforia natural”, afirma Roby, que anteriormente vivia de doações. “Não uso mais drogas desde que comecei a cantar. O coro preencheu meu tempo de tal forma que preciso estar sóbrio para conseguir cumprir os compromissos diários.”

Alguns dos participantes do coro praticaram crimes sérios no passado. “Digamos que furto e tentativa de



O irmão Anthian com sua classe da Primária. A partir da esquerda: Armand Umuhoza, Kevin Charles, Maxime Vallée-Carrier, Jonathan Denis e Frantz Jean-Baptiste.

Pierre também já serviu no sumo conselho da Estaca Montreal Québec e como presidente da missão da

estaca. Ele não esconde sua religião nem tampouco tenta forçar as pessoas a aceitarem-na; simplesmente a vive. “Eu não apenas falo da Igreja com os integrantes do coro”, diz, “como já os levei até lá para fazer apresentações em reuniões sacramentais e em outros eventos na sede da estaca.”

A Igreja recebeu muita atenção positiva por causa do trabalho de Pierre. Em 1997, a Assembléia Nacional canadense concedeu-lhe o prêmio de Voluntário do Ano. “Um programa de televisão”, conta ele, “apresentou-me como ‘o sacerdote mórmon que tira os sem-teto do inferno’. É fácil para mim mencionar o evangelho nas entrevistas, porque é claro que eu nunca teria uma idéia dessas sem minha formação familiar e religiosa. E eu jamais teria forças para continuar sem o auxílio diário do Senhor.”

Por que Pierre escolheu os sem-teto para realizar seu trabalho voluntário em vez de dedicar-se a outra causa nobre qualquer? A resposta dele é simples e sincera. O Salvador, diz ele, é seu modelo. Jesus Cristo chama a todos, mas na maioria das vezes ministrava aos pobres, aos desabrigados, aos desalentados e aos excluídos. “A mensagem é simples”, lembra Pierre. “Se seguirmos Seus passos, encontraremos felicidade para nós mesmos e para as pessoas a quem servimos. Somos as mãos e os instrumentos de que Ele dispõe.”

Domingo de manhã. O irmão Anthian está dando aula na Primária na Ala Hochelaga, em Montreal. Cinco de seus oito alunos estão presentes. Ele é professor dos meninos de oito a onze anos e eles estão estudando os Dez Mandamentos. Pierre usa os dedos para ajudar as crianças a fixarem as leis do Senhor. Um dedo ajuda a lembrar que Deus deve estar em primeiro lugar em nossa vida. Sete dedos significam que o marido deve ficar com a esposa sete dias por semana. Pierre estende as mãos, voltadas para baixo, com o polegar escondido. Oito dedos simbolizam o mandamento de não roubar; afinal, seria difícil roubar sem os polegares. Cada mandamento é representado de alguma forma com gestos que são repetidos pelos meninos. O irmão Anthian faz perguntas para testá-los e cinco mãos ansiosas agitam-se no ar. Todos sabem as respostas.

Sua experiência de servir aos moradores de rua, conclui Pierre, aproximou-o do Salvador e das pessoas a quem serve. “As escrituras ganharam mais vida para mim, principalmente Mateus 25 e Mosias 4:14-30. Uma doce paz confirma-me diariamente que meu lugar é ao lado deles.” □

Algumas informações deste artigo foram retiradas da entrevista de Pierre Anthian a Sylvie Patea-Tramel.



ILUSTRAÇÃO DE FOTO FEITA POR WELDEN ANDERSEN

Como Posso Ser um Bom Exemplo se Sou Tão Imperfeito?

Tenho um amigo que demonstra interesse pela Igreja. Ele observa-me de perto para ver como são os santos dos últimos dias. No entanto, cometo muitos erros. Como posso ser um bom exemplo se sou tão imperfeito?

Perguntas respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamientos doutrinários da Igreja.

A RESPOSTA DE A LIAHONA

É um pouco assustador descobrir que alguém está julgando a Igreja do Senhor por nossas atitudes. O senso de responsabilidade é muito grande. Mas em vez de entrar em pânico, tente enxergar o lado bom dessa situação.

Se seu amigo estiver verdadeiramente interessado na Igreja e de fato observando todas as suas ações, considere isso um elogio. É evidente que ele vê você como o “exemplo dos fiéis”. Encontramos essa expressão na primeira epístola do apóstolo Paulo a Timóteo, e o conselho dado por ele pode servir-lhe de guia para tentar dar um bom exemplo para seu amigo. “Sê o exemplo dos fiéis”, escreveu Paulo, “na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza.” (I Timóteo 4:12)

Paulo enumera várias formas de sermos um exemplo. Nossas *palavras*,

por exemplo, podem tanto fortalecer como destruir a fé alheia. Se usarmos palavras de baixo calão, espalharmos mexericos ou fizermos críticas constantes, não estaremos falando conforme a vontade do Salvador. Devemos tentar usar uma linguagem pura, falar coisas positivas a respeito das pessoas e fazer elogios.

O termo *trato*, conforme usado por Paulo, diz respeito a *comportamento* ou *conduta*. Se nosso comportamento não estiver em harmonia com os princípios do evangelho, poderemos afugentar as pessoas da Igreja do Senhor. Podemos dar um bom exemplo vestindo-nos com recato, pagando o dízimo, guardando a Palavra de Sabedoria, sendo honestos e prestando atos abnegados de serviço.

O *amor*, ensina-nos Pedro, “cobrirá a multidão de pecados”. (I Pedro 4:8)

Caso seu amigo se convença de que você se importa com ele, estará mais propenso a relevar as falhas que você porventura tenha. Joseph Smith, ao revisar esse versículo em sua tradução da Bíblia, ressaltou que a caridade *evita* uma multidão de pecados. Quando você sentir o puro amor de Cristo e receber o perdão de seus pecados, poderá ter uma experiência semelhante à das pessoas que ouviram o discurso do rei Benjamim. Elas não tinham “mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente”. (Mosias 5:2)

Ser um exemplo *em espírito* pode dizer respeito a nossas atitudes. O Presidente Gordon B. Hinckley, por exemplo, é guiado pelo Espírito e assim tem uma atitude positiva. Essa atitude certamente é um dos motivos pelos quais ele é capaz de tantas realizações. Ele está constantemente



Jaqueline
Soares Santos



Muhongo-
Kabwabwa Tarin



Carlton Julius D.
Escandor



Nathan Lloyd
Jones



Charles
Iheanacho Ekwonye



Anthony Silberie



Tahia Mou-Fa



Norma Ramirez
Noriega



Victor Antonio
Canales Villa



Alejandra Caroli-
na Gonzáles

olhando à frente e trabalhando com fé, energia e propósito. É difícilimo, por outro lado, para alguém que não esteja esforçando-se para ser guiado pelo Espírito exercer fé ou, de fato, conseguir grandes realizações na vida.

Temos fé no Senhor? Confiamos Nele, em Seus servos e em Seu plano? Como demonstramos essa confiança? Demonstramos nossa fé como Néfi ou reclamamos das dificuldades da vida e criticamos os pais e líderes como Lamã e Lemuel?

Por fim, Paulo exortou Timóteo a ser um exemplo de *pureza*. Nada afastaria seu amigo da Igreja mais rápido do que ouvir você contar piadas de mal gosto, ver você assistir a filmes impróprios ou descobrir que você viola a lei da castidade. Da mesma forma, nada o convenceria da influência positiva da Igreja em sua vida com mais persuasão do que ver você evitando as influências impuras do mundo.

Considere uma bênção o fato de seu amigo observar você tão de perto. Isso pode dar-lhe mais motivação para fazer escolhas corretas. É claro que ninguém é perfeito, mas mesmo isso pode ajudar seu amigo a perceber o quanto a Igreja é importante em sua vida. Se você ofender alguém, reconheça-o em vez de tentar justificar-se. Se cometer um erro, aprenda com ele e tente sair-se melhor no futuro. Se pecar, arrependa-se imediatamente e completamente. Se seu amigo estiver observando você cuidadosamente, com certeza se dará conta disso e

verá que a Igreja de fato “[transforma] os homens maus em bons e os homens bons em melhores”. (Ver “Palavras do Profeta Vivo”, *A Liahona*, dezembro de 1996, p. 8.)

RESPOSTAS DOS LEITORES

Somos todos imperfeitos e, mesmo sendo membros da Igreja, erramos. Entretanto, podemos ajudar nossos amigos não-membros a verem que, apesar de falhos, estamos fazendo um esforço diário para alcançar a perfeição. Precisamos libertar-nos dos maus hábitos e mostrar a nossos amigos que, embora não consigamos seguir a Cristo integralmente, pelo menos estamos tentando.

Jaqueline Soares Santos

Ramo Jardim Ipê

Estaca São José dos Pinhais Brasil

A conversão é um processo e exige tempo e empenho para que aprendamos com nossos erros e os abandonemos. Se vivermos o evangelho com fé e obediência, o Senhor nos ajudará a ser um bom exemplo, embora estejamos ainda tentando superar nossas imperfeições.

Carlton Julius D. Escandor

Ramo Sorsogon I

Distrito Sorsogon Filipinas

Muitas pessoas não têm tempo para estudar as publicações da Igreja nem para aprender sobre ela. Os livros que acham mais fácil de ler são nossas atitudes e comportamentos como membros da Igreja. Se nos

empenharmos para ser uma luz para as pessoas em todos os lugares, em todos os momentos e em todas as circunstâncias e não nos deixarmos abater por nossas imperfeições, nossos amigos saberão que verdadeiramente somos discípulos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Elder Charles Iheanacho Ekwonye
Missão Gana Acra

Nossa bênção patriarcal pode despertar em nós o desejo de mudar, de fazer tudo a nosso alcance para prepararmos-nos para o retorno de Cristo. É necessário orar ao Senhor e pedir-Lhe ajuda, pois conforme lemos em Gênesis 18:14, “haveria coisa alguma difícil ao Senhor?”

Tahia Mou-Fa
Ala Uturoa

Estaca Raromatai Taiiti

Precisamos ser exemplos de arrependimento para que as pessoas saibam que percebemos quando cometemos erros e temos o desejo de corrigi-los. Podemos demonstrar a nossos amigos que sabemos recorrer ao Pai Celestial e buscar a orientação do Espírito Santo.

Victor Antonio Canales Villa
Ala Industrial

Estaca Querétaro México

A doutrina da Igreja é perfeita, mas nós não somos. A melhor coisa que podemos fazer é mostrar às pessoas que, apesar de nossas imperfeições, estamos tentando seguir o exemplo do

Salvador. Sabemos que não atingiremos a perfeição nesta vida, mas o Pai Celestial prometeu-nos que, se perseverarmos, Ele nos dará a vitória.

Alejandra Carolina Gonzáles
Ala Jardín
Estaca Posadas Argentina

Nossos amigos não-membros lembrem-se mais de nossos atos do que das palavras. Devemos sempre exercer grande controle sobre nossas atitudes. Embora sejamos imperfeitos, devemos esforçar-nos continuamente para sermos “imitadores de Deus”. (Efésios 5:1)

Muhongo-Kabwabwa Tarin
Ramo Likasi
Missão República Democrática do Congo
Kinshasa

Somos como uma vela que ilumina um quarto escuro, mas devemos recordar que a chama tende a perder o brilho e tremeluzir. Devemos deixar que nossa luz resplandeça, ainda que seja bruxuleante em virtude de nossas imperfeições. Se estivermos empenhados em melhorar, nosso exemplo ajudará as pessoas a também virem a Cristo e serem aperfeiçoadas Nele. (Ver Morôni 10:32.)

Elder Nathan Lloyd Jones
Missão México Cidade do México Leste

Meus colegas de trabalho prestam atenção em tudo o que faço e dizem que nem todas as minhas atitudes são cristãs. A melhor coisa que posso fazer é amá-los e partilhar com eles

tudo o que aprendi no evangelho. Devemos sempre lembrar que Deus está conosco e que Ele vive. Seja paciente, tolerante e honesto.

Anthony Silberie
Ala Roterdã II
Estaca Roterdã Holanda

Se fizermos uma avaliação objetiva de nossas fraquezas e procurarmos superá-las diariamente, conseguiremos, caso perseveremos, fazer com que nossa luz brilhe cada vez mais.

Norma Ramírez Noriega
Ala Pedro Beltrán
Estaca Ventanilla Peru

Ajude a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS respondendo à pergunta abaixo. Envie sua contribuição de modo a chegar ao destino antes de 1º de fevereiro de 2001. Escreva para QUESTIONS AND ANSWERS 02/01, Liahona, Floor 24, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA ou mande um e-mail para CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org. Datilografe ou escreva legivelmente em seu próprio idioma. Não deixe de colocar seu nome completo, endereço, ala e estaca (ou ramo e distrito). Se possível, envie também uma fotografia sua, que não será devolvida. Publicaremos uma seleção de respostas que represente todas as recebidas.

PERGUNTA: Como posso manter meus pensamentos centrados em Cristo durante minhas atividades diárias? □

NATAL NO ERZGEBIRGE

Herta Klimmer

ILUSTRADO POR GREGG THORKELSON



Dezembro é o mês mais bonito em Erzgebirge, uma cadeia de montanhas na Alemanha. Quase todos os anos, as florestas, os campos e as vilas ficam cobertos por uma espessa camada de neve. A paisagem parece envolta em reverência.

No primeiro domingo de dezembro, todas as casas já estão decoradas e prontas para o Natal. Acende-se uma vela todos os domingos daquele mês e, quando a última vela é acesa no último domingo antes do Natal, todas as casas estão cheias de um tipo diferente de luz. As pessoas presenteariam os amigos, visitam os doentes, passam uma noite fazendo enfeites com as crianças, ajudam os necessitados.

As tradições têm um papel preponderante nas comemorações do Natal de nossa família. Para nossos antepassados que trabalhavam nas minas das montanhas Erzgebirge, a luz, especialmente nas noites mais escuras do ano, tornava-se um símbolo de fé, aconchego e segurança. As pessoas iam à igreja com seus parentes e amigos adorar a Deus. Homens e mulheres fiéis, acostumados ao trabalho árduo, ajoelhavam em oração. Os sinos tocavam para celebrar o Natal.

Na nossa casa, quando os sinos tocavam a primeira vez, sentávamos à mesa esmeradamente decorada e

ouvíamos nosso pai ler a respeito do nascimento do Senhor. Em seguida, como nossa mãe nos ensinou, meus dois irmãos e eu colocávamos embaixo da árvore de Natal os pequenos presentes que nós mesmos havíamos confeccionado. Todos eram lembrados: avós, tios e tias. Até os passarinhos ganhavam uma comida melhor e os cachorros comiam lingüiça.

Quando os sinos tocavam na véspera de Natal, saíamos para dar um passeio. A neve brilhava devido às luzes de Natal. Parecia que estávamos andando num mar de estrelas. Os pinheiros em frente a todas as casas eram ricamente enfeitados com luzes. Esculturas de madeira, de mineiros e anjos, cada um segurando uma vela, fitavam-nos das janelas. As exposições sobre o Natal retratavam cenas a respeito do nascimento do menino Jesus: pastores no campo, os reis magos vindo adorá-Lo, Jesus na manjedoura, Maria inclinada sobre Ele, José protegendo a pequena família, burros, ovelhas e pastores ajoelhados.

Depois do passeio, voltávamos

para casa maravilhados com a beleza do que víamos na noite invernal. Dentro de casa, sentíamos o cheiro dos galhos de pinheiros. Os biscoitos de minha mãe estavam sempre à nossa espera.

Pouca coisa mudou desde a minha infância. A maioria dessas tradições ainda existem hoje, com poucas alterações. Os membros da Igreja do Senhor fazem uma festa bem alegre no ramo. Os missionários e os membros sentem-se protegidos e alegres quando celebramos o Natal com música e adoração. O Pai e Seu Filho Amado, Jesus Cristo, abençoam nossa vida. Nosso coração fica repleto da paz da qual o mundo tanto precisa.

Assim como a neve cobre suavemente as montanhas Erzgebirge, podemos sempre sentir a paz do Natal no coração. Se permitirmos, a luz da estrela que indicou o nascimento de Jesus iluminará nossos dias e fará com que cada noite seja santa. Oramos por esse milagre, sabendo que o nosso Pai e Seu Filho vivem e, por viverem e nos amarem, a paz do Natal sempre oferecerá esperança a um mundo fatigado. □







ÉRIKA PASSOU A VER COM NOVOS OLHOS — ALGO QUE TODOS PRECISAMOS FAZER.

UMA VISÃO ETERNA

Élder Carlos H. Amado

Dos Setenta

ILUSTRAÇÃO FOTOGRAFICA DE CRAIG DIMOND; COMPOSTO ELETRONICAMENTE POR PATRIC GERBER

María Coj, 17 anos, membro da Igreja na Guatemala, era a mais velha entre oito irmãos. Ela estava com cisticercose, uma infecção causada por um parasita contraído ao ingerir alimentos contaminados e que, com o passar do tempo, alojou-se em seu cérebro causando terríveis dores de cabeça e, por fim, cegueira. Para aliviar-lhe a dor, era necessário levá-la de sua casa, em Sololá, para a Cidade da Guatemala. Por causa das convulsões causadas pelo avanço da doença, seu estado piorou. Era mantida viva somente com a ajuda de aparelhos. Era evidente que não viveria por muito tempo em tais condições.

Nessa mesma época, Érika Alonzo, de doze anos, parcialmente cega e também membro da Igreja, viajou vinte e duas horas de ônibus de Honduras até a Cidade da Guatemala para submeter-se a uma cirurgia nos olhos. Já fazia duas semanas que ela esperava a córnea que seria enviada dos Estados Unidos para o transplante, mas não havia nenhum doador.

Nesse meio tempo, María morreu. Apesar de sua visão haver sido comprometida devido à pressão exercida em seu cérebro, suas córneas estavam intactas. O pai e a mãe de María autorizaram a doação. A operação foi um sucesso.

No dia 12 de julho de 1993, Érika foi a Sololá visitar a família Coj pela primeira vez. A família, muito surpresa, perguntou-lhe: “Você consegue enxergar?” Ela respondeu:

“Consigo ver tudo nitidamente”. Foi um encontro espiritual. A irmã Coj, que não entendia espanhol muito bem pelo fato de sua língua materna ser o *cakchiquel*, sentiu o amor e o espírito da conversa. Graças à doação das córneas de María, Érika consegue enxergar e apreciar tudo o que a cerca. A morte de uma pessoa e o amor de seus pais abençoaram a vida de outra. É surpreendente o milagre da medicina que possibilita a uma pessoa ver por meio dos olhos de outra.

Do ponto de vista espiritual, à medida que vocês, jovens, contemplarem as bênçãos da vida e da eternidade através dos olhos de seus fiéis pais, professores, bispos, apóstolos e profetas, descobrirão que, por meio de pequenas doações diárias de tempo para ponderar, orar e estudar as escrituras, eles lhes irão ensinar a respeito da divindade que há dentro de vocês.

Ampliem sua visão e reconheçam que têm laços com Deus; elevem seus olhos e vivam dignamente. Aprendam na juventude a controlar suas paixões, desejos e apetites. Preparem-se para cumprir a gloriosa responsabilidade de pregar as verdades da Restauração: a de que Jesus é o Cristo, que a salvação é alcançada unicamente por intermédio Dele, que Joseph Smith foi um profeta e recebeu orientações por meio de mensageiros celestes para restaurar, com poder e autoridade, todos os convênios e ordenanças encontrados em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Expição do Filho de Deus tornou possível a toda humanidade voltar à presença do Pai. O Salvador ensina-nos: “Segui-me, pois; e fazei as coisas que me vistes fazer”. (2 Néfi 31:12) Alguns de vocês terão o privilégio de servir como missionários com os olhos fitos na glória de Deus e construir Seu reino. (Ver D&C 4:5.)

Durante esse tempo, Cristo irá refinar-lhes o espírito; Ele irá moldar o seu caráter e plantar princípios em seu coração. Isso irá permitir a vocês viver em retidão e alegria durante esta vida e toda a eternidade.

Eu gostaria de contar uma história a respeito de fé. O élder Hermelindo Coy, que era filho único, despediu-se de sua mãe e saiu pela primeira vez do vilarejo em que morava nas montanhas de Senahú, na Guatemala. Chegou ao Centro de Treinamento Missionário no dia 14 de março de 1991. Embora fosse membro da Igreja há apenas dois anos e fosse muito tímido para falar com as pessoas, sua determinação de servir era grande. A educação formal que recebera na sua língua materna, o *kekchí*, era menos do que cinco anos de escola primária. O espanhol, língua oficial da Guatemala, era uma língua estrangeira para ele.

Durante a missão, ele aprendeu a conviver com a dor que tinha na perna. Raramente se queixava. Em agosto de 1992, percebeu que, além da dor cada vez mais forte, havia algo estranho em seu joelho. O diagnóstico foi câncer nos ossos. Um exame mais minucioso revelou câncer no fígado, pulmões e sistema linfático; em outras palavras, já se encontrava na fase terminal da doença. Ele não entendia a natureza ou seriedade do problema. Com a ajuda de um tradutor e utilizando exemplos da vida rural que lhe era familiar, conseguiu entender que lhe restava pouco tempo de vida.

Ele nunca perguntou: *Por que isso está acontecendo comigo?* Nunca lamentou ou expressou sentimentos negativos a respeito disso. Fazia tudo o que lhe pediam. Perguntaram-lhe se gostaria de voltar para casa, mas ele pediu para permanecer na missão e servir o tempo que fosse possível, até o momento de sua morte se necessário.



Por volta de outubro, ele caminhava com dificuldade e necessitava do auxílio de uma bengala. Trabalhava apenas umas poucas horas por dia. Em dezembro, ele já não conseguia mais caminhar. Pela primeira vez, sentiu-se

desanimado, pois não podia fazer proselitismo. Sua maior preocupação era saber quem iria tomar conta de sua mãe depois que ele morresse.

Em uma de suas visitas, o presidente de missão pediu-lhe que ensinasse mais a respeito dos princípios doutrinários da Igreja à sua mãe que, juntamente com as enfermeiras da missão, passava 24 horas por dia cuidando dele. Ao ensinar-lhe o plano de salvação em sua língua materna, o rosto dele irradiava certeza e luz. O élder Coy passou a entender com poder e convicção aquilo que estava ensinando.

À medida que suas forças se esvaíam, ele colocava toda a sua confiança no Senhor. Certo dia, sucumbindo à dor extrema, proferiu em oração: “Pai Celestial, eu não sei o dia nem a hora em que vou morrer, mas gostaria que me dissesse logo qual será minha nova designação”. O élder Coy morreu em fevereiro de 1993. Sua morte trouxe bênçãos a todos os demais missionários, líderes, membros e até mesmo não-membros, que aprenderam com seu exemplo de coragem de servir e perseverança até o fim. Sua fé era simples e contagiante. Ele nunca sentiu medo da morte e fortalecia todos os que estavam à sua volta.

Prometo a vocês que ao servirem com a mesma fé que tinha o élder Coy e enxergarem por meio dos olhos de seus pais e líderes, que também os amam, seu testemunho será fortalecido e sua visão ampliada. O entendimento que têm irá iluminar aqueles que estão espiritualmente cegos e ajudá-los a retornar a Cristo. Levantem-se e brilhem; sejam como os missionários de tempo integral que hoje estão levando luz, esperança e conhecimento aos que precisam. □

Adaptado de um discurso proferido na conferência geral de outubro de 1993.

FILHOS: PRESENTES DE DEUS

A proclamação sobre a família declara: “(. . .) A família é essencial ao plano do Criador para o destino eterno de Seus filhos”. (A *Liahona*, outubro de 1998, p. 24) Um dos grandes privilégios que Deus nos deu foi o de ajudá-Lo a trazer Seus filhos espirituais à Terra e ensiná-los a “andar em retidão perante o Senhor”. (D&C 68:28)

Satanás sabe que as famílias têm um grande poder de praticar o bem; por isso ele as ataca implacavelmente. O Presidente Gordon B. Hinckley disse: “O lar está sob ataque. Há um número imenso de famílias desfeitas. (. . .) Se existe alguém que pode mudar a situação desoladora para a qual estamos gradualmente nos encaminhando, são vocês. Ergam-se, ó mulheres de Sião, e enfrentem o grande desafio que está diante de vocês”. (A *Liahona*, janeiro de 1999, p. 117)

UMA BUSCA SAGRADA

Os santos dos últimos dias não precisam dar ouvidos às vozes do mundo que degradam o papel das mulheres. A primeira conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro, Virgínia U. Jensen, disse: “Na sociedade atual, muitas pessoas questionam a importância do lar e da família tradicionais. Alguns acham que existem outros modos de se utilizar o tempo e os talentos da mulher que são mais importantes do que a família. Mas os profetas têm declarado incansavelmente que cuidar do lar é um dos mais sagrados e significativos papéis a serem desempenhados pela mulher (. . .)”. (A *Liahona*, janeiro de 2000, p. 116)

Uma irmã, depois de receber críticas por ter tido muitos filhos e ter abandonado sua carreira, escreveu: “Embalei meu bebê recém-nascido noite adentro tomada de profunda gratidão. Como eu poderia ter tido a satisfação de conceber essa criança, se os profetas de Deus não tivessem iluminado meu caminho e mostrado que ser mulher, mãe e esposa são maneiras nobres de servir e que graças a isso, tornei-me uma pessoa mais afetuosa, aproximei-me mais do Pai e senti uma alegria imensa, às vezes, indescritível!”

CARREGAR O FARDÃO

UMAS DAS OUTRAS

Essa alegria também está à disposição das mulheres que, embora

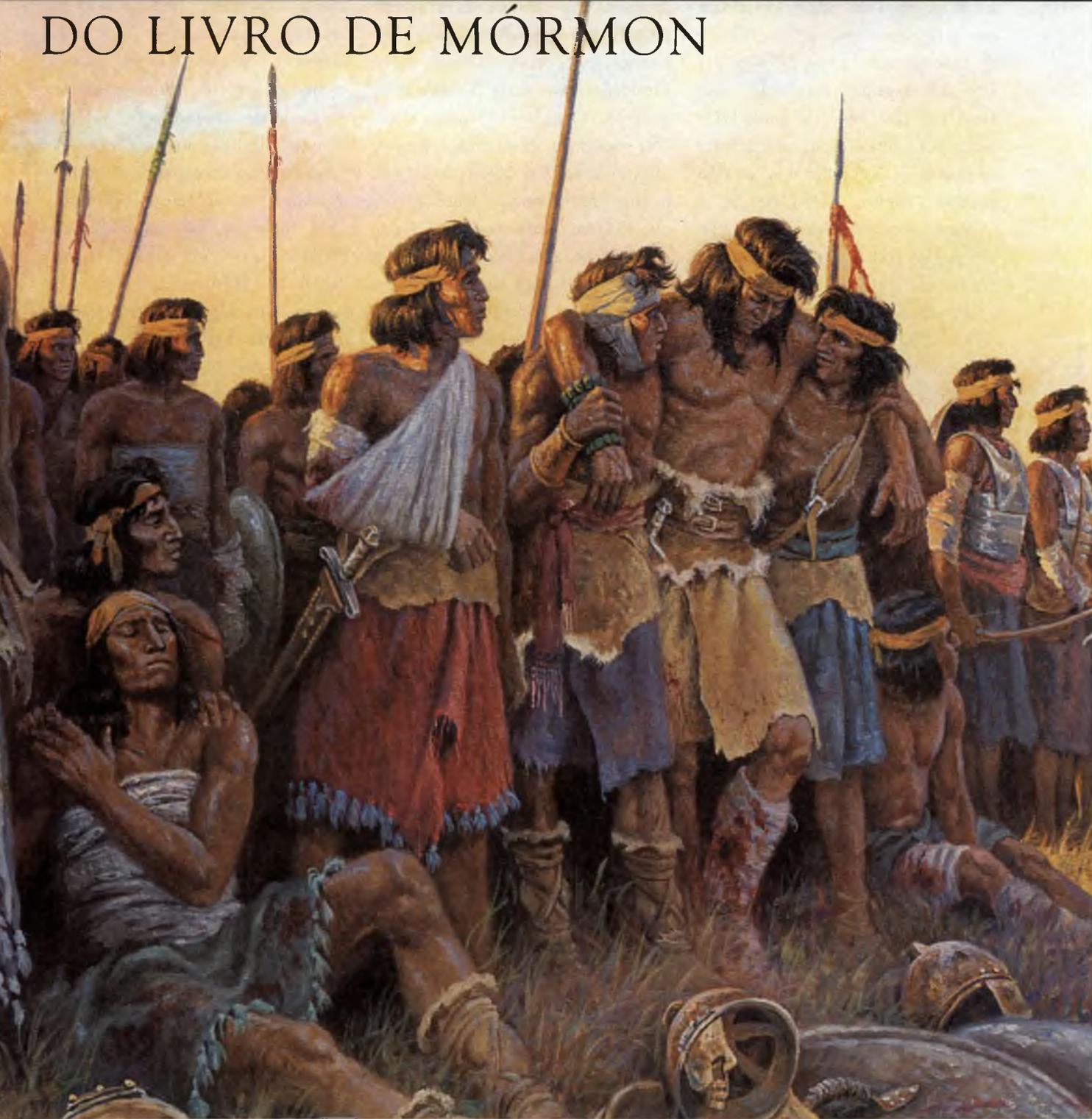
nunca tenham tido seus próprios filhos, vivenciam a maternidade cuidando dos filhos de outras. Uma mulher homenageou uma irmã solteira, dizendo: “Embora amasse muito meus três filhos pequenos e soubesse que estava fazendo um trabalho importante, sentia-me freqüentemente esgotada e aprisionada em casa. Meu marido tinha dois empregos, mas parecia que o dinheiro nunca era o bastante para pagar uma babá ou sair à noite. Foi então que Mônica apareceu em minha vida. Ela telefonava regularmente para dizer que viria uma determinada noite ficar com as crianças. Para alegria dos pequenos, ela sempre chegava com jogos e guloseimas. Meu marido e eu ficávamos livres para ir a uma sessão no templo ou sair para jantar, sabendo que na volta encontraríamos um ambiente tranquilo em casa. Mônica sempre recusava qualquer tipo de pagamento por seu serviço. Essa mulher maravilhosa agora cuida também da minha neta”.

Mary Ellen Smoot, presidente geral da Sociedade de Socorro, disse: “As crianças são como presentes de Deus. (. . .) Todas nós que amamos, guiamos e orientamos os filhos de Deus sabemos da seriedade desse compromisso e do significado desse presente”. (“The Possible Dream”, discurso proferido na conferência das mulheres na Universidade Brigham Young em 1998, p. 11.) □



A fé compartilhada de santos dos últimos dias do mundo inteiro reflete-se em trabalhos artísticos sobre temas do Livro de Mórmon no Quinto Concurso Internacional de Arte da Igreja.

UMA VISÃO MUA DO LIVRO DE MÓRMON



NDIAL

A *Oração de Cristo*, óleo sobre painel, de Derek Hegsted, Primeira Ala de Vermont, Estaca Orem Utah Leste.

Após ter curado seus enfermos, o Cristo ressurreto orou com os nefitas, que testificaram: “Não há língua que possa expressar, (. . .) nem pode o coração dos homens conceber coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer”. (3 Néfi 17:17)



Um acolchoado do México, uma escultura de madeira da Nigéria, uma pintura a óleo da Nova Zelândia, um vaso ornamental do Japão — tais obras de arte são representativas da diversidade da participação no Quinto Concurso Internacional de Arte. Esse concurso, patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja em Salt Lake City, envolveu obras de arte enviadas de todas as partes do mundo de artistas talentosos dos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Europa, Rússia, Oriente Médio, Índia, América Latina, Nova Zelândia, Austrália, Filipinas, Japão, China e Taiwan. Mais de 400 artistas, com idade variando de 15 a 98 anos, de 38 países, submeteram trabalhos.

Os temas das peças individuais refletem tópicos da história e das mensagens do Livro de Mórmon. Os jurados escolheram 135 dessas peças para serem exibidas no museu de 24 de março a 4 de setembro. As páginas seguintes mostram algumas das obras participantes do concurso exibidas no museu.

Verdade, Senhor, Todos Contados e Presentes, óleo sobre tela, de Clark Kelley Price, Segunda Ala de Thayne, Estaca Thayne Wyoming. “De acordo com a bondade de Deus (. . .) nenhum deles perecera”. (Alma 57:25.) Os jovens guerreiros de Helamã, fatigados e feridos, permanecem fiéis em suas fileiras.





À esquerda: *Missionários Indo pelo Mundo*, cerâmica, de Taiichi Aoba, do Ramo Niihama, Distrito Matsuyama Japão. Entre as imagens apresentadas neste vaso ornamental japonês estão a família de Leí fugindo de Jerusalém, Abinádi testificando perante o rei Noé e um anjo aparecendo a Alma.

À direita: *A Vara de José É Levada aos Filhos de Hagote*, pintura, colagem em meio misto, de Sylvia Huege de Serville, Ala Takapuna, Estaca Auckland Nova Zelândia Harbour. Descendentes polinésios dos povos do Livro de Mórmon



A Restauração do Livro de Mórmon, escultura de madeira, de Igbini Alfreed Enoma, da Ala Ogida, Estaca Cidade de Benin Nigéria Leste. Cenas da Restauração do evangelho incluem Joseph Smith recebendo a Primeira Visão; o anjo Morôni visitando a Joseph; Joseph recebendo as placas; as Oito Testemunhas vendo as placas; Joseph Smith recebendo o sacerdócio; e uma família nigeriana entrando num templo.



Por Onde Eu Vá, óleo sobre tela, de Keith Bond, Nona Ala de San Antonio, Estaca San Antonio Texas Oeste. Depois de testemunhar a destruição de seu povo, Morôni, filho de Mórmon, registrou: “Eu, Morôni, não negarei a Cristo; portanto ando errante por onde posso, a fim de conservar minha própria vida”. (Morôni 1:3)

recebem e aceitam o Livro de Mórmon — a vara de José. (Ver Alma 63:5–8; “Conference in Samoa”, Ensign, abril de 1976, p. 74.)

Abaixo: *Companheira*, óleo sobre tela, de K. Sean Sullivan, Ala St. Cloud, Estaca Orlando Flórida Sul. A esposa de Néfi era uma mulher de coragem e compaixão. Aqui ela conforta a Néfi, que fora atado com cordas no navio por seus irmãos rebeldes. (Ver 1 Néfi 18:11, 19–20.)



À direita: *Lembrarei do Convênio*, óleo sobre painel, de Enrique Manuel García, da Ala Burzaco, Estaca Buenos Aires Argentina Adrogué. O Senhor instruiu: “Ireis no poder do meu Espírito, pregando meu evangelho, de dois em dois, em meu nome”. (D&C 42:6) Abaixo: *Mais Doce que Tudo que É Doce*, chapa de cobre batida, de Miguel Ángel González Romero, Ala Bonilla, Estaca Antofagasta Chile La Portada. Leí disse, a respeito de sua visão:



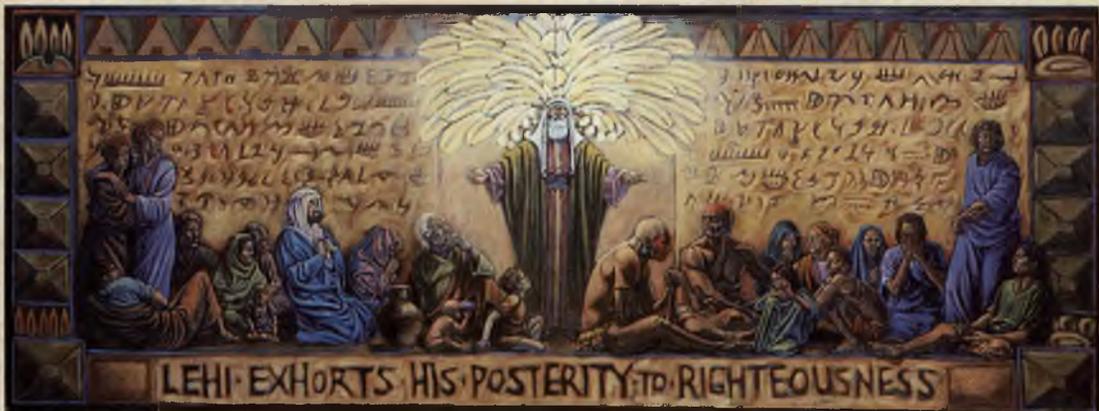
“Vi uma árvore cujo fruto era desejável para fazer uma pessoa feliz. (. . .) Comecei a desejar que dele também comesse minha família”. (1 Néfi 8:10, 12)



Por Causa de Tua Grande Fé, lápis de cor sobre papel, de Sheri Lynn Boyer Doty, Vigésima Sexta Ala de Holladay, Estaca Salt Lake Holladay. A esposa do rei Lamôni e Abis, uma serva da rainha, são mencionadas no Livro de Mórmon como mulheres de grande fé. Aqui, Amon incentiva-as a continuarem com fé inabalável enquanto esperam que o Rei Lamôni acorde. (Ver Alma 19.)



Leí Exorta Sua Posteridade À Retidão, óleo sobre tela, de Philip M. Leaning, da Terceira Ala de Auckland, Estaca Auckland Nova Zelândia Mt. Roskill. “Mas eis que eu, meus filhos e minhas filhas”, disse Leí, “não posso descer à sepultura sem vos deixar uma bênção; pois eu sei que se fordes criados no caminho que deveis seguir, não vos afastareis dele.” (2 Néfi 4:5)



Uma Bênção para as Nações, detalhe de um acolchoado, de Isa Tania Domínguez Herrada, Ala Xochimilco, Estaca Cidade do México México Tlalpan. “José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. (. . .) As bênçãos de teu pai (. . .) estarão sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos”. (Gênesis 49:22, 26.) Os nefitas e lamanitas, descendentes de José, são beneficiários das bênçãos seladas sobre a cabeça de José. □



A Importância do Acerto Anual do Dízimo

Kenneth L. DuVall

ILUSTRAÇÕES FOTOGRÁFICAS DE MATTHEW REIER

O dízimo é um teste importante de nossa dignidade pessoal. O Presidente Joseph F. Smith (1838–1918) disse: “Por meio desse princípio se saberá quem é pelo reino de Deus e quem é contra ele. (. . .) Por meio dele se fará saber se somos fiéis ou infiéis”. (*Ensinos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith* [1998], p. 276)

A pergunta é: quem deve saber se somos fiéis? Em primeiro lugar, temos de estar convencidos de coração que pagamos um dízimo honesto. É importante que tenhamos a confirmação do Espírito nesse assunto.

É importante também que declaremos nossa fidelidade ao dízimo a nosso bispo ou presidente de ramo. É solicitado que façamos essa declaração durante o acerto anual do dízimo — uma entrevista individual ou familiar com o bispo ou presidente do ramo em dezembro, todos os anos. Existem várias razões importantes por que o fazemos.

Declaração da condição do dízimo. É um princípio eterno sermos responsáveis pelo que Deus nos deu: nosso tempo, talentos e meios. Sabemos que seremos “julgados pelas coisas que [estão] escritas nos livros, segundo as [nossas] obras”. (Apocalipse 20:12; ver também 3 Néfi 27:26.) No final

do ano, o bispo ou presidente de ramo deve indicar nos registros da Igreja a condição do dízimo de cada membro de sua unidade. É um privilégio que temos de exercer nossa responsabilidade declarando a ele nossa própria condição do dízimo.

Oportunidade de mostrar obediência. O acerto anual do dízimo dá-nos a chance de demonstrar obediência ao Senhor. Além disso, os pais podem usar o acerto anual do dízimo como ferramenta de ensino. A reunião familiar seria uma boa hora para conversar sobre como a Igreja usa o dízimo e para ajudar os filhos a prepararem seus próprios registros para essa reunião com o bispo. Os filhos que ouvem os pais declararem que pagam o dízimo integral aprendem que pagar o dízimo é importante para os pais e deve ser importante para os filhos também.

Auditoria de nossos registros pessoais. Se não reservarmos um tempo para examinar nossos registros de contribuições para a Igreja, como iremos saber se estão corretos? Alguns anos atrás, em nosso exame de contribuições ao final do ano, minha esposa e eu descobrimos que um cheque de dízimo que pensávamos ter sido feito em julho jamais havia

sido entregue à Igreja. Corrigimos o erro imediatamente.

Auditoria dos registros da Igreja. Todo mês de abril na conferência geral, o encarregado do Comitê de Auditoria da Igreja levanta-se e diz que, baseados na análise dos procedimentos e relatórios de auditoria da Igreja, os membros do comitê de auditoria são “de opinião que (. . .) os fundos da Igreja recebidos e gastos durante o ano [anterior] (. . .) foram controlados de acordo com revelação e com as normas e procedimentos estabelecidos pela Igreja”. (“Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja”, *A Liahona*, julho



de 2000, p. 26.) Parte importante desses procedimentos de auditoria é fazer com que verifiquemos se nossos registros pessoais conferem com os registros da Igreja. Podemos verificar se nossas contribuições foram adequadamente distribuídas nas categorias que escolhemos em nossas folhas de contribuição.

Algumas pessoas têm-se perguntado se é preciso esperar até o último dia do ano para ter certeza de que todos os rendimentos foram devidamente informados. A resposta é não. O espírito do acerto anual do dízimo é cumprido tão eficazmente no dia primeiro de dezembro como no dia 31. Podemos continuar a fazer contribuições após o acerto anual do

dízimo; o secretário da ala irá preparar, para nosso controle e registros financeiros pessoais, um relatório final de contribuições que cobrirá até o dia 31 de dezembro.

Oportunidade de assumir um compromisso. O que acontece se alguém não é dizimista integral? E se alguém não pagou quaisquer dízimos ou ofertas? A entrevista com o bispo ou presidente de ramo pode ser o início do arrependimento, uma oportunidade para que a pessoa se comprometa a começar ou a melhorar. Toda pessoa que se comprometa a fazer sacrifício como o Senhor ordenou receberá força espiritual e crescerá individualmente ao se manter fiel à sua decisão.

Depois de ordenar que Seu povo

pagasse dízimos, o Senhor prometeu “abrir as janelas do céu, e (. . .) derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes”. (Malaquias 3:10; ver versículos 8–12.) Aqueles que viram o cumprimento dessa promessa podem testificar que as bênçãos são com freqüência mais espirituais que financeiras. Quando o Senhor abre “as janelas do céu”, derrama bênçãos adequadas às necessidades individuais de Seus filhos.

Como bispo, pude verificar quão preciosas essas bênçãos podem ser. Grandiosas são as bênçãos que advêm àqueles que pagam o dízimo fielmente e aos que comparecem fielmente ao acerto anual do dízimo. □



Uma Época de Comemoração

O Natal, lembrou-nos o Presidente Gordon B. Hinckley, “começou com o cântico dos anjos em Belém”. Contudo, às vezes esquecemos que a vida que celebramos no Natal “terminou na cruel cruz do Gólgota”. O Presidente Hinckley observa que “não haveria Natal se não tivesse havido a Páscoa. O bebê Jesus de Belém seria apenas outro bebê se não houvesse o Cristo Redentor do Getsêmani e do Calvário, e a triunfante Ressurreição. (“A Maravilhosa e Verdadeira História de Natal”,



A *Liahona*, dezembro de 2000, pp. 4, 6) ❀ Nesta época festiva, lembramos que, por causa do Salvador, o amor acabará por prevalecer sobre o ódio, as alegrias da vida superarão as dores e mágoas e os atos simples de bondade e compaixão poderão modificar o coração das pessoas. Nas próximas páginas, leremos experiências de santos dos últimos dias que nos darão uma idéia do poder benéfico que “a história maravilhosa e verdadeira do Natal” pode exercer na vida de cada um de nós, se o permitirmos.

Meu Último Natal na Missão

Julio Cesar Sonoda

Era meu último Natal na Missão Brasil Rio de Janeiro Norte. Dentro de pouco tempo, voltaria para casa em outra cidade do Brasil e estava feliz com a chegada do Natal. Meu companheiro, o élder Barney, era norte-americano e acabara de chegar ao país. Ele estava fazendo um grande esforço para superar as saudades de casa.

Estávamos trabalhando muito e ainda não tínhamos certeza de como passaríamos a noite de Natal. Esperávamos que alguma família nos convidasse para a ceia, o que por fim aconteceu. Contudo, fiquei preocupado com outros missionários de nossa área. Quando fomos a Vitória pouco tempo depois, eu e meu

companheiro ficamos sabendo que o élder Jones e o élder Junot não tinham nada programado para a noite de Natal. Pensei comigo mesmo: *Esses élderes são minha família aqui na missão. Não podemos deixá-los sozinhos no Natal.* Nós quatro decidimos passar o Natal juntos em Vitória.

Planejamos uma ceia caprichada na véspera de Natal. Embora não tivéssemos muito dinheiro, sabíamos que o Senhor nos abençoaria.

Na véspera de Natal, registrei meus sentimentos no diário: “Hoje é 24 de dezembro. Está chovendo muito e meu companheiro está visivelmente mais triste. Ele diz sentir falta dos símbolos de Natal a que está habituado em seu país: a neve,

a música, as árvores e os enfeites. Posso imaginar como o Natal vai ser difícil para ele, já que está longe da família, de seu povo e seus costumes. A chuva não parou, mas o céu agora está mais claro”.

Olhei para meu companheiro e percebi que estava com muita saudade. Queria alegrá-lo.

No ônibus, a caminho de Vitória, víamos pessoas apressadas para fazer as últimas compras natalinas. Passamos por uma casa iluminada com lâmpadas coloridas e crianças brincando no quintal. Meus olhos encheram-se de lágrimas, mas não podia falar com meu companheiro.

Arrumamos a mesa com uma toalha branca e guardanapos e colocamos cartões de Natal como decoração, mas nem isso pareceu melhorar nosso estado de espírito.



ro porque sabia que ele iria chorar. Ele parecia estar chorando em silêncio. Para o élder Junot, o élder Jones e eu, aquele era o último Natal na missão. Mas era o primeiro do élder Barney, e eu não sabia o que fazer para consolá-lo. Durante o percurso, chorei escondido diversas vezes. E ele também ocultou as lágrimas de mim.

Saímos do ônibus e fomos para o apartamento da outra dupla. Juntamos o dinheiro que tínhamos, e o élder Junot e o élder Jones foram às compras. Depois que voltaram com a comida, arrumamos a mesa com uma toalha branca e guardanapos e colocamos cartões de Natal como decoração. Mas nem isso foi o bastante para melhorar nosso estado de espírito.

Diante da situação, o élder Jones sugeriu que pegássemos nossos hinários e entoássemos hinos ao Senhor. Cantamos um, depois outro e, por fim, mais um hino. E cada vez cantávamos mais alto. Eu queria que os vizinhos ouvissem nossos cânticos e soubessem que estávamos louvando o Senhor. Começamos a sentir Seu Espírito.

Depois de cantarmos, o élder Jones leu uma passagem sobre o nascimento de Cristo. Em seguida, todos lemos trechos das escrituras e prestamos testemunho de nosso Redentor.

Quando o élder Barney prestou o testemunho, explicou: “Eu estava sentindo falta de coisas com que estava acostumado: a neve, a árvore de Natal, o peru e as músicas natalinas de meu país. Estava esquecendo-me

de voltar a mente para o nascimento do Filho de Deus na manjedoura”. Nossos olhos encheram-se de lágrimas, pois o Espírito testemunhou a nosso coração que adoráramos o Criador daquele dia. Agradecemos ao Senhor por tudo o que nos concedera.

Foi meu último Natal na missão, mas o primeiro Natal verdadeiro de minha vida.

“Para o Teu Bem”

Evelyn Cardinez, conforme relatado a Aurelia S. Diezon

Fui criada nas Filipinas por avós severos, porém amorosos. A frase predileta de meu avô era: “É para seu próprio bem”. Ele usava-a sempre que eu agia com teimosia ou deixava de cumprir uma tarefa. Ele costumava dizer que as coisas que me pedia ajudariam a preparar-me melhor para a vida adulta. Embora eu não compreendesse totalmente suas palavras, jovem como era, eu obedecia, ainda que só para evitar mais sermões.

Meus avós eram muito religiosos. Já aos cinco anos de idade, eu sabia que existia um Deus amoroso que nos abençoava quando obedecíamos a Seus mandamentos. Era impensável não irmos para a igreja aos domingos e em nossa rotina diária sempre cantávamos hinos, líamos histórias da Bíblia e orávamos. Eu sentia-me abençoada temporal e espiritualmente. Vivíamos felizes e satisfeitos.

Então, como uma tempestade inesperada e devastadora, alguns acontecimentos abalaram a paz de minha vida. Certo ano, na época do

Natal, meus avós morreram repentinamente quando eu era adolescente. A tristeza que senti pareceu destruir para sempre as alegrias e a expectativa do Natal. Cerca de dois meses depois, a casa de meus pais incendiou-se. Um ano depois, minha mãe ficou inválida após um acidente automobilístico. Em seguida, meu pai perdeu o emprego.

As tribulações atingiram-me como um furacão. Com pouco dinheiro, perdi as esperanças de cursar a faculdade. Os afazeres domésticos exauriam todas as minhas energias.

Confusa e abatida emocional e espiritualmente, comecei a duvidar da existência de Deus. Passei a perguntar por que Ele permitira que tanta adversidade entrasse em minha vida, já que eu sempre tentara obedecer a Ele. Essas interrogações continuaram a incomodar-me e, sem respostas, lentamente me afastei da igreja que estava freqüentando naquela época. Durante anos a fio, pesquisei outras religiões em busca de respostas e alívio, mas nada me satisfazia.

Numa radiante tarde de verão, uma amiga muito próxima convidou-me para conhecer os missionários santos dos últimos dias. Fiquei impressionada com a educação e a aparência bem-cuidada deles. Suas plaquetas, que levavam o nome de Jesus Cristo, também me despertaram a curiosidade. Em algum lugar de minha alma, uma voz mansa e delicada parecia sussurrar: *Ouçã a mensagem deles; é para o seu próprio*



Fui criada por avós amorosos e muito religiosos. Mas quando morreram repentinamente e outras tribulações me assolaram, comecei a duvidar da existência de Deus.

bem. Aquela frase que me era tão familiar não parava de ecoar em minha mente.

Ao ouvir as palestras, minha fé na existência de Deus gradualmente voltou, e aceitei o evangelho de Jesus Cristo. Após meu batismo, descobri que as perguntas que fizera

a vida inteira tinham respostas. Li em Doutrina e Convênios 122:5-7 as palavras do Senhor para o Profeta Joseph Smith: “Se te for requerido sofrer tribulações, (. . .) todas essas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem”. Percebi que grandes bênçãos resultaram de minhas adversidades, pois conduziram-me ao verdadeiro rebanho de Deus.

Ao olhar para trás e pensar nas minhas experiências, percebo que foram para meu próprio bem, tal qual meu avô dissera.

De Solitária a Radiante

Vera Jean Paffel

Certo ano, perto do Natal, eu estava física e mentalmente exausta. Meu casamento terminara alguns meses antes, e eu e meus três filhos tínhamos acabado de mudar para outra cidade para eu cursar a faculdade. Eu estava estudando para tornar-me professora. Eu não tinha dinheiro, e meus dois filhos de dezesseis e doze anos e minha filha de cinco precisavam de roupas para enfrentar o inverno rigoroso.

Enquanto eu estudava para as provas finais do semestre, as preocupações com minha situação interrompiam-me constantemente. A despensa estava vazia, o dinheiro era pouco e eu estava cansada de tentar ser pai e mãe de meus filhos. Eu casara-me no templo, freqüentara a Igreja ativamente a vida inteira e, a contragosto, não podia ficar em casa para cuidar dos filhos. A vida parecia-me extremamente injusta.

Minha primeira prova começaria às 7h30. Saí de casa esperando que os meninos se lembrassem de levar a irmãzinha para a escola no horário. O ar estava gelado e o céu, muito escuro. Fiz um atalho por dentro do cemitério, sentindo que estava fadada ao fracasso. Passara metade da noite estudando e tentando fixar a matéria. Sentia-me velha demais para competir com a mente jovem dos demais alunos.

Ao caminhar com dificuldade na neve, pensei em meus pais, que viriam pegar-nos para passarmos o

Natal na casa de minha irmã, onde haveria uma grande árvore e uma enorme pilha de presentes. Meu ressentimento continuou a aumentar. Quando cheguei à faculdade para fazer as provas, estava de péssimo humor. Tentei concentrar-me, mas senti que não me saía bem. Tudo o que eu queria era ir para casa, cair na cama e só levantar duas semanas depois.

Em meio à neve, iniciei o penoso percurso de volta para casa. Fui buscar minha filha na escola, mas a professora disse que ela já saía. Era só o que faltava! Eu pedira que ela me esperasse, e agora eu estava com raiva porque ela não obedecera. Ao entrar no cemitério, avistei o reluzente casaco azul dela atrás de uma lápide. Ela estava escondendo-se de mim, esperando-me passar para pular e dar-me um susto, mas eu não estava muito propensa àquele tipo de brincadeira. Continuei andando, fingindo que não a vira. Então, ouvi-a gritar: "Mãe, mãe, espere por mim!"

Voltei-me na direção dela, pronta para recriminá-la por não ter cumprido minhas ordens. Mas antes de conseguir dizer algo, ela entregou-me um envelope. "Mamãe", disse ela, "olhe o que fiz hoje. Pode abrir, é um presente de Natal. Fiz especialmente para a senhora!"

Abri o envelope e dentro havia um cartão de Natal feito à mão com "Feliz Natal" na letrinha dela. Ela desenhara o Papai Noel no ar sobre-

voando casinhas. Num canto do cartão, fizera outro desenho: o de um bebê. Mas não era uma criança comum. Com lápis de cor amarelo, traçara linhas em volta Dele simbolizando raios brilhantes vindos do céu. Fizera uma auréola pairando sobre a cabeça Dele e, com o lápis vermelho mais brilhante que encontrou, desenhara um enorme sorriso em Seu rostinho. Não, aquele não era um bebê qualquer. Era o menino Jesus, o bebê que cresceria até Se tornar o Salvador do mundo.

Olhei o menino Jesus. Eu fora batizada em Seu nome; pertencia à Sua Igreja, que fora restaurada na Terra; era em Seu nome que orava pedindo forças, orientação e direção. Ele sempre estava a meu lado quando eu mais precisava. *Amo o menino Jesus*, disse a mim mesma.

Ao reconhecer meu amor por Ele, aconteceu algo maravilhoso comigo. Embora antes eu estivesse com muito frio, fui dominada por um intenso calor. Senti o Espírito envolver-me. Ele amava-me, verdadeiramente me amava.

Comecei a contar minhas bênçãos, incluindo os filhos. Na noite anterior, meu filho de doze anos dera-me um dólar que ganhara cuidando de crianças para eu comprar pão e leite. E ali estava minha filhinha, cuja chegada me custara sete anos de espera. Que bênção ela era em minha vida.

Em seguida, ela olhou para mim com os olhos castanhos reluzindo de entusiasmo por causa do Natal. O cabelo dela, naturalmente cacheado, saía-lhe do capuz do casaco; o narizinho estava vermelho de frio. "Mamãe, a senhora não gostou do meu desenho?" indagou.

"Ah, adorei", respondi. "É lindo!"
"Então por que está chorando?" perguntou.

"Estou chorando porque amo muito você e seus irmãos. Fico feliz por formarmos uma família e poderemos estar juntos neste Natal. Essa é a coisa mais importante do mundo neste momento. Nosso Natal vai ser maravilhoso."

Tomei minha filha pela mão e começamos a cantar músicas natalinas ao saltitarmos pela calçada coberta de neve.

Esse Natal tão marcante aconteceu há mais de trinta anos. Fui aprovada nos exames da faculdade e tornei-me professora primária. Mas a lição aprendida naquele Natal aquece-me a alma sempre que recordo a dádiva de amor que tocou meu coração naquele dia. □

Abri o envelope e dentro havia um cartão de Natal feito à mão com "Feliz Natal" na letrinha dela. Num canto do cartão, minha filha fizera outro desenho: o de um bebê. Mas não era uma criança comum.



E se (...)

Você nunca será o melhor se desejar ser outra pessoa.

(Ver Êxodo 20:17; I Timóteo 4:14; Alma 29:3, 6.)





***Alma, Levanta-te*, de Walter Rane, cortesia do Museu de História e Arte da Igreja, Quinto Concurso Internacional de Arte**

"E, como vos disse, enquanto se rebelavam contra Deus, eis que o anjo do Senhor apareceu-lhes; e desceu como se fosse numa nuvem; e falou como se fosse com voz de trovão, fazendo com que tremesse o solo onde estavam. E tão grande foi o seu assombro que caíram por terra." (Mosias 27:11-12)

Essa é a maravilhosa e verdadeira história do Natal. O nascimento de Jesus em Belém da Judéia é o prefácio. O ministério de três anos do Mestre é o prólogo. A magnífica essência da história é Seu sacrifício, o ato completamente altruísta de morrer na dolorosa cruz do Calvário para expiar os pecados de todos nós. O epílogo é o milagre da Ressurreição. Ver Presidente Gordon B. Hinckley, "A Maravilhosa e Verdadeira História do Natal", página 2.



20992059